

# HIP HOP

## PELO FIM DO FEMINICÍDIO

Organização: Ravena Carmo e Eulla Yaá





Projeto coordenado pelo Núcleo de estudos, organização e difusão do conhecimento sobre Literatura Marginal - NEOLIM, Coletivo Poesia nas Quebradas e Instituto Periferia Livre

**Organização:** Ravena Carmo e Eulla Yaá

**Revisão:** Ravena Carmo e Eulla Yaá

**Apresentação:** Ravena Carmo e Eulla Yaá

**Prefácio:** Sharylaine

**Posfácio:** Ravena Carmo e Eulla Yaá

**Capa:** Mônica Durães

**Projeto Gráfico e Diagramação:** Nicolly Primo

Este livro segue a normas da ABNT : Arte Bairrista Nua e Transgressora

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Hip-Hop pelo fim do feminicídio / [organização  
Ravena Carmo, Eulla Yaá]. -- 1. ed. --  
Planaltina, DF : Ed. das Autoras, 2026.

Várias autoras.  
Várias colaboradoras.  
ISBN 978-65-02-09939-1

1. Feminicídio 2. Hip-hop (Cultura popular) -  
Aspectos sociais - Brasil 3. Mulheres - Aspectos  
sociais 4. Poesia - Aspectos sociais 5. Poesia  
brasileira 6. Resistência 7. Violência contra as  
mulheres I. Carmo, Ravena. II. Yaá, Eulla.

26-359263.1

CDD-B869.1

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -  
SP-010133/O

## SUMÁRIO

Parem de nos matar	17
Para: Enir	20
Quantas vão precisar morrer?	22
Eles Sentem Ódio	25
Menina sonhadora	28
Ser mulher	31
Caixas de papelão	33
Infância deturpada	37
Sapatão Viva	42
“Itinerrância”	45
O lamento das rosas	47
O que eu quero	50
Da boca de um poeta que nunca diz nada	53
Perspectivas do amor	55
Revolta	58
Padroeira	61
Misoginia, um braço armado do machismo	64
O encontro	67
Eu em mim	71
Ser mulher	74
Classista	77
120 minutos	81
Ela disse que não	84
Amor que mata	89
Manual da Indignação Seletiva	94
Me Diz Você	97

A puta que te o pariu	101
Colecionador de Abusos	104
Masculinidade	107
Violência nunca mais, hoje ela disse chega!	111
Todas as pétalas	115
O grito	117
Mais uma de nós	120
Estatística	123
Últimas palavras	127
Domesticada	131
Carpinteira do Universo	134
Quem é que cuida delas?	136
HIP-HOP contra o Femicídio	138
Machismo mata	140
Mulheres como eu, lele alves	144
Forjada na dor	147
Todas somos as próximas	149
Feridas invisíveis	153
Não foi caso isolado	155
Eu, Mulher Negra	158
Em carne viva crua: corpo mulher	160
Salva pela discotecagem	163
Missão	165
“Feliz dia Das Mulheres”	168
8 de março	168
Nem Todo “Eu Te Amo” É Amor	171
Posfácio - Enquanto existir uma, existiremos todas	173
Autoras	178

## Um salve de agradecimento

Este livro nasce da força do coletivo. Nasce das mãos que escrevem, das vozes que ecoam nas quebradas, dos abraços compartilhados nos dias difíceis e da certeza de que nenhuma mulher caminha sozinha quando existe comunidade, afeto e luta organizada.

Agradecemos, com muito carinho e profundo amor, a todas as pessoas que contribuíram para que estas páginas existissem. Cada mensagem enviada, cada relato compartilhado, cada palavra de incentivo, cada presença e cada gesto de cuidado ajudaram a construir este trabalho. Este livro carrega muitos nomes, muitas histórias e muitos sonhos.

Nosso agradecimento especial à Rebeca Carmo, à Eduarda Sousa, Nimsai e à Vera Verônica, mulheres fundamentais nessa caminhada, que seguem presentes, fortalecendo e movimentando a cena, acreditando na potência das mulheres periféricas, da arte, da cultura e da transformação social. Obrigada por somarem com tanta generosidade, compromisso e verdade.

Ao Instituto Periferia Livre e à Casa da Mulher no Hip-Hop DF, nosso reconhecimento por serem espaços vivos

Neolim

Poesia nas  
QUEBRADAS

de acolhimento, resistência, formação e construção de futuro. Lugares onde a palavra vira ferramenta de cura, onde o cuidado se transforma em política e onde mulheres encontram força para existir com dignidade, liberdade e potência.

Também deixamos nossa profunda gratidão à Frente Nacional de Mulheres no Hip-Hop, que há mais de 15 anos segue fortalecendo o protagonismo das mulheres dentro da cultura hip-hop, construindo caminhos de resistência, formação política, cuidado e transformação em todo o país. A história construída por tantas mulheres dentro dessa caminhada inspira gerações e reafirma diariamente que o hip-hop também é território de luta, acolhimento e revolução feminina.

E, para nós, é motivo de imensa honra contar neste livro com a presença de duas grandes referências desta trajetória: Isa Negratcha (SE), e Sharylaine (SP), autoras desta obra.

Isa Negratcha é rapper, ativista pelos direitos humanos e uma das principais vozes na luta pelo desencarceramento e fortalecimento das mulheres dentro da cultura hip-hop, construindo há anos caminhos de resistência, formação política e transformação social nas periferias do Brasil.

NEOLIM

Poesia nas  
QUEBRADAS

Sharylaine, reconhecida como a primeira rapper mulher do Brasil, é uma verdadeira matriarca do hip-hop feminino brasileiro, abrindo caminhos para que tantas outras mulheres pudessem ocupar os palcos, os microfones e os espaços de decisão dentro da cultura. Ter essas duas mulheres compondo este livro fortalece ainda mais a memória, a potência e a dimensão histórica desta construção coletiva.

Também temos a honra de contar com a participação de Edd Wheeler, integrante do primeiro grupo feminino de hip-hop do Rio de Janeiro, *As Damas do Rap*, e advogada voluntária da Frente Nacional de Mulheres no Hip-Hop.

Construir um livro em dimensão nacional não é tarefa simples. Exige coragem, responsabilidade, escuta e muito trabalho coletivo. Mas seguimos comprometidas com a vida das mulheres, com a memória das nossas trajetórias e com a construção de um país mais justo para todas nós. Que este livro seja também um abraço. Um registro da nossa luta, da nossa esperança e da nossa permanência.

Seguiremos firmes. Juntas. Sempre.

Neolim

Poesia nas  
QUEBRADAS

## **Apresentação - Memorial de um país que não pode mais silenciar**

Este não é apenas um livro. É um grito coletivo.

É um memorial escrito com palavras que tentam dar conta do que o Brasil insiste em naturalizar: a violência contra mulheres. É um registro vivo de uma epidemia social que atravessa casas, ruas, escolas, relações e corpos. Uma violência estrutural que não começou agora, mas que segue atual, brutal e cotidiana.

Como afirma a filósofa e feminista negra bell hooks, o patriarcado não é apenas uma forma de organização social, mas um sistema político que ensina a dominação e naturaliza a violência. No Brasil, essa violência ganha contornos ainda mais profundos quando atravessada pelo racismo, pela desigualdade social e pela marginalização histórica dos territórios periféricos.

Lélia Gonzalez já denunciava que não é possível compreender as violências contra mulheres sem olhar para as marcas do racismo e da colonialidade na formação da sociedade brasileira. E Sueli Carneiro nos lembra que mulheres negras vivem historicamente a combinação entre sexismo e

racismo como estrutura permanente de exclusão. Este livro parte exatamente desse entendimento: o feminicídio não é um acontecimento isolado. Ele é consequência de uma estrutura.

No Brasil, ser mulher ainda significa viver sob risco. Os dados mais recentes do Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostram que o país registra mais de 1.400 feminicídios por ano, o que equivale a aproximadamente 4 mulheres assassinadas por dia. Em muitos casos, o crime acontece dentro de casa, o lugar que deveria ser abrigo, mas que se torna cenário de violência.

Além disso, milhões de mulheres vivem diferentes formas de violência: física, psicológica, sexual, moral e patrimonial. Estima-se que 1 em cada 3 mulheres brasileiras já sofreu violência doméstica ao longo da vida. E a maioria dos casos sequer chega ao sistema de justiça. O silêncio, o medo, a dependência econômica e a descrença institucional seguem funcionando como barreiras concretas.

Mas este livro não se constrói apenas sobre números, pois números não carregam o peso das histórias interrompidas, não escrevem poesia. Aqui, cada verso é construído por

Neolim

Poesia nas  
QUEBRADAS

pessoas que em algum momento da sua vida vivenciaram essas violências. Cada palavra é memória e denúncia.

As poesias que atravessam esta obra revelam aquilo que os relatórios muitas vezes não alcançam: o medo de voltar para casa, o ciclo da violência, a culpabilização da vítima, o silêncio imposto, a dor herdada e a revolta que pulsa. As autoras deste livro não falam de um lugar distante. Elas escrevem da vivência. Os dados do formulário de inscrição mostram isso de forma contundente, onde entre as mulheres aprovadas para compor esta coletânea estão mulheres negras, periféricas, mães, estudantes, pesquisadoras, educadoras populares, artistas independentes, MCs, slammers, grafiteiras, produtoras culturais e mulheres historicamente atravessadas pela violência.

Durante o processo de análise das inscrições e leitura intensa das poesias, pudemos identificar que parte significativa das participantes relatou já ter vivido situações de violência doméstica e inclusive algumas já solicitaram medida protetiva. Outras narraram experiências de violência psicológica, ameaças, relacionamentos abusivos e processos profundos de reconstrução da própria vida. Esses dados não aparecem aqui como curiosidade estatística. Eles aparecem porque revelam

NEOLIM

 Poesia nas  
QUEBRADAS

algo urgente: quem escreve este livro não escreve sobre violência como teoria distante. Muitas escrevem a partir da sobrevivência e talvez seja justamente por isso que a poesia ocupa um lugar tão importante nesta coletânea.

Conceição Evaristo nos ensina sobre a escrevivência: essa escrita que nasce da experiência, da memória coletiva e da tentativa de não permitir que determinadas histórias desapareçam. As poesias presentes aqui carregam exatamente essa dimensão: são mulheres escrevendo para permanecer vivas, para transformar a dor em ferramenta de luta, sem apagamento.

Também é fundamental afirmar, com a mesma força, que as mulheres não são apenas vítimas. São linha de frente na denúncia, no acolhimento de outras mulheres, na construção de redes de proteção e na ocupação das ruas, tensionando o Estado e transformando a dor em política, arte e movimento.

Neste livro, isso é evidente. As autoras não apenas narram a violência: elas confrontam e nomeiam o sistema que é sustentado pelo machismo estrutural, o racismo, a LGBTfobia, a transfobia, a desigualdade social e a cultura da impunidade. E

é impossível falar sobre feminicídio sem falar também sobre mulheres trans e travestis.

A filósofa Judith Butler já afirmava que existem vidas que historicamente são consideradas menos passíveis de luto. No Brasil, isso aparece de forma brutal na realidade de travestis e mulheres trans, especialmente negras e periféricas, que convivem diariamente com a violência, a exclusão social e o assassinato precoce. Este livro recusa qualquer hierarquia entre vidas. Aqui, mulheres cis, trans e travestis ocupam o mesmo espaço de dignidade, palavra e existência, pois lutar pelo fim do feminicídio também significa lutar para que todas as mulheres tenham direito à vida.

O Hip-Hop, aqui, não é cenário, é ferramenta, linguagem e estratégia de enfrentamento. Como já apontava Paulo Freire, ninguém transforma a realidade sem uma leitura crítica do mundo, e o Hip-Hop, nas periferias, sempre cumpriu esse papel ao denunciar o genocídio da juventude negra, a violência policial, a fome e o abandono do Estado.

Mas as mulheres precisaram disputar espaço até mesmo dentro do próprio movimento para que suas dores sejam ouvidas. Este livro também é uma forma de enfrentar esse

apagamento, onde cada texto presente aqui rompe com a ideia de que mulheres devem suportar violência caladas. Rompe com a lógica que transforma a dor das mulheres em espetáculo enquanto nega proteção e políticas públicas e, principalmente, rompe com a ideia de que arte periférica não produz conhecimento.

Nós acreditamos na arte como ferramenta de proteção da vida, na educação popular, na palavra falada, na poesia periférica e na escrita como sobrevivência. E talvez seja importante dizer que este livro não foi construído apenas por artistas, mas por mulheres reais.

Mulheres que pegam ônibus lotado, trabalham o dia inteiro e sustentam casas, cuidam dos filhos, enfrentam relações violentas, sobrevivem ao racismo institucional, adoecem emocionalmente e, ainda assim, encontram força para escrever. Isso muda tudo, porque quando uma mulher periférica escreve, ela rompe uma estrutura inteira que durante muito tempo disse que sua voz não era importante.

Este livro nasce da urgência de proteger vidas, mas também da esperança de construir outros futuros possíveis, futuros onde meninas não cresçam naturalizando o medo, onde

NEOLIM

 Poesia nas  
QUEBRADAS

mulheres não sejam culpabilizadas pela violência que sofrem, onde mulheres trans e travestis possam envelhecer e onde a periferia seja reconhecida não apenas como espaço de dor, mas também como território de produção de ciência, arte, afeto, intelectualidade e reinvenção.

Que esta leitura lhe incomode, lhe atravesse e não permita neutralidade. Porque, diante do feminicídio, o silêncio também mata. E que, ao final, permaneça aquilo que sustenta esta obra coletiva: nenhuma a menos. Nenhum passo atrás. E todas vivas, com direito à vida, à arte, à palavra e ao futuro.

*Ravena Carmo e Eulla Yaú*

Neolim

Poesia nas  
QUEBRADAS

## **HIP-HOP pelo fim do feminicídio**

Eu sou a Sharylaine, estou envolvida com a cultura Hip-Hop a 41 anos, anos de lutas. Durante essa trajetória, a história da cultura se funde e se confunde com a minha própria história na cidade. Nesta obra, eu sou apenas a anfitriã, convido todas as pessoas a reflexão. Algumas pessoas acham que é óbvio você reconhecer a violência, mas às vezes há ambientes que a mascaram. É preciso reconhecer e entender o bicho que pega. Eu, particularmente levei um tempo para entender as diversas formas de violências, nem tudo a gente aprende, e compreende de forma rápida.

As primeiras violências que reconheci foram o racismo na escola, a doméstica na família, e a policial na rua, mas foi bem mais tarde é que soube que existia uma tal de violência psicológica e já adulta tomei conhecimento das outras inúmeras formas de violência. Vivemos tempos sombrios, num século chamado XXI, que o planeta entendia como tempo da evolução tecnológica, e sim, a era da evolução tecnológica chegou, mas a evolução humana regrediu.

Durante muito tempo havia uma imagem que circulava e que era amplamente reproduzida e divulgada, a imagem mostrava um homem das cavernas, puxando pelos cabelos uma mulher, sendo arrastado no chão, esta já era uma das mensagens subliminares, tão enraizadas no psicológico, que a maioria das pessoas nem se davam conta. Enquanto o mundo prospera em evolução tecnológica, há um retrocesso da humanidade. Nós mulheres, ainda somos consideradas como seres descartáveis, mas na posição de seres domésticos somos necessárias e sempre precisamos ser múltiplas.

Estamos no ano de 2026, segundo órgãos nacionais e internacionais, tais como FBSP (Fórum Brasileiro de Segurança Pública), a OMS (Organização Mundial da Saúde) e ONU Mulheres (Mapa da Violência), o Brasil ocupa o 5º lugar no ranking de feminicídio no mundo, aqui, morrem quatro mulheres por dia, e dentro desta conta estatística, a maioria são mulheres negras, esse é o retrato mais recorrente destes tempos. E para ajudar ainda mais, os grandes líderes religiosos, políticos, ou outros, continuam pregando a submissão das mulheres e o domínio sobre os nossos corpos.

Às vezes, pensamos que aquilo que estamos vivendo é um fato isolado, mas hoje o mundo mostra que somos só mais uma na fila do pão, passamos as mesmas coisas que outras manas em diferentes endereços.

Esta Obra Literária reúne 50 escritoras de várias regiões e periferias do país, elas compartilham pensamentos e sentimentos, denunciam incômodos, ou simplesmente desabafam angústias, utilizando-se das palavras para tirar os nós da garganta, mas sobretudo para dizer que: "não mais, permanecerão caladas".

Por fim, há uma intenção fundamental que é despertar e conscientizar. É dizer que somos mulheres que contribuímos significativamente para o progresso. **É dizer que não aceitamos nenhuma mana a menos.** É emancipar-se, ser livre, renascer de novo para a vida e resgatar o Sagrado Feminino.

*São Paulo, 2026*  
*Sharylaine*  
*@sharylaineoficial*

Neolim

Poesia nas  
QUEBRADAS

## **Parem de nos matar**

A cena não te convida  
Ela te consome  
Tem quem se incomoda  
Se vê as mina dando o nome

Os mano te intimida  
Você se encolhe  
Quando você cobra  
Eles somem  
Mas voltam

Como se nada tivesse acontecido  
E ainda são acolhidos  
Por todo mundo que grita  
Respeita as mina  
Mas com a memória seletiva

O cara é jack, mas manda rima  
É agressor mas, manda rima  
E só vai te incomodar  
Quando for a tua mina

Porque enquanto são outras  
Você fala que elas queria  
E de maria em maria  
Viramos navalhas

Não quero aprovação  
Não aceito tuas falhas  
Eu não passo pano  
Tô sempre lembrando  
Que existe uma lei e um dia no ano  
Para celebrar que vocês não estão nos matando  
(mas estão)

Eu não conheço nenhum agressor  
Mas conheço uma mina q foi agredida  
Uma mina que parou de colar  
Uma mina que pediu medida ?  
Uma mina que pediu socorro  
e por essa cultura não foi acolhida

Você escreveu essa pra salvar uma vida  
Ou foi pensando na próxima mina

Eu não quero ouvir misoginia  
Disfarçada de poesia  
Já cansei de ouvir que sou louca  
Por colocar eles no lugar  
E não adianta declamar paixão  
se você não sabe respeitar

Ce ceis ama essa cultura  
Como vocês diz amar  
Quero ver posicionamento  
não pronunciamento  
E parem de nos matar

*Rayra da Costa - Poeta Vênus*

## **Para: Enir**

*Cadê meu celular?*

*Eu vou ligar pro 180*

*Vou entregar teu nome*

*E explicar meu endereço*

*Aqui você não entra mais*

*Eu digo que não te conheço*

*E jogo água fervendo*

*Se você se aventurar* (Introdução com um trecho da música da Elza Soares)

O meu papo é bem reto, sem curva e sem caô!

Sabe aquele tempo de abaixar a cabeça? Já passou!

Aqui ninguém vai passar pano pra agressor!

Vacilou feio! E porque quis, perdeu seu posto!

Achou que o medo ia ficar estampado no meu rosto?!

Mas a quebrada já ensinou que quem apanha não esquece!

E agora é o peso da minha voz que te estremece !

E não adianta vir com essa de “ciúme é amor”

Se na hora da agressão você nem raciocinou!

Te conheci num evento de graffiti e hoje,

nem grafitando mais estou.

Queria tanto ficar comigo, me chamava de minha...

Mas quando consegui, perdeu a linha.

Amor não puxa cabelo, não deixa marca roxa!

Ah, seus amigos passam pano? Sério?! Poxa..

É porque fazem o mesmo, só que na encolha!

Então cala boca e escuta o eco da nossa união !

Lugar de covarde não é no nosso coração.

Aquele medo, já botamos pra ralar,

Pois o lema agora é: ninguém vai nos calar!

E fique ciente que a lei mudou, e nós também..

Somos mulheres com garra, que não devem nada:

pra ninguém!

*Giovana Karla – Cruella*

## Quantas vão precisar morrer?

Quantas vão precisar morrer  
pra eu subir em palcos?  
Quantas vidas se tem calado  
quantos males se tem abafado  
Quantas mortes nem se tem falado...  
De quantas se interrompem o legado?

Talvez o preço seja caro  
o destino armado e traçado:  
Mulher direito escasso  
papo ralo e falho,  
manifesto contra o ato!

Mais uma se foi  
e não vejo defesa  
dói não saber se vou chegar  
ao fim do dia ilesa

Dói me sentir indefesa  
e pondo as cartas sobre a mesa, dói  
Cada uma que se vai é uma tristeza.

Mulher morreu por ser mulher  
tem noção do que isso é?  
Feminicídio!

Desculpa te alertar  
mas continua acontecendo desde o início,  
o fim é trágico, e o sistema omisso.  
Quantas vidas vão ter fim  
antes que se mude isso?

Morreu por ser mulher,  
e a morte é além do físico  
quantas morrem por ser mulher  
dentro do seu próprio ninho?  
Falo de direitos,  
morreremos todos os dias sob o próprio leito,  
ser mulher e sobreviver  
já é enfrentar vários preconceitos.

A morte é silenciosa  
quantas mulheres são vítimas  
e a lei ociosa?  
Quantas clamam socorro

e só dizem: ó minha nossa!  
Só peço uma coisa:  
acorda!

Clamo por menos vítimas  
e mais mulheres vitoriosas.

*Larissa Pereira Sales - Lasap*

## **Eles Sentem Ódio**

Ódio, o que eles sentem por nós é ódio  
As mulheres são odiadas e temidas  
E é por esse motivo que o mundo tá cheio  
de agressores e feminicidas!

Brasil 2026, estropo coletivo em Copacabana  
Bairro de gente rica que dizem ser bacana  
Ela ainda se questionou tentando assimilar  
tudo aquilo tinha vivido, sofrido  
Se perguntando o porque que isso tinha acontecido

Irã 2026, uma escola de mulheres atacada  
Mais de 150 meninas e mulheres aniquiladas  
Não é estratégia de guerra é extermínio  
de mulher em massa  
Mariele não foi coincidência também  
Você acha que mulher que se impõe consegue ir além?

Tenta bater de frente com poderosos pra tu ver

se ele não mostra quem o poder detém  
Muitas guerreiras aqui poderiam ser citadas  
Beatriz Nascimento num bar por defender sua amiga  
de um feminicida foi assassinada  
Lannay Kauanne carregava uma criança

Em Alagoas a luz do dia ele chegou  
e nem lhes restou esperança  
E a justificativa? Claro que foi por vingança!  
Mas isso não pode ficar assim

Mulheres unidas não deixaremos nos reprimir  
Se a gente se calar eles vão nos destruir  
Mas não vamos deixar  
Mulheres livres estão construindo um projeto popular  
E não vamos parar lutar

Lutamos por mais mulheres feministas antirracistas  
eleitas e vivas  
Rosa Amorim, Dani Portela,  
Erika Hilton, Jô, Eugênia, Maíra,  
Aniele, Sônia Guajajara e Dilma  
Todas elas mulheres eleitas e vivas!

Isso é pela vida de todas as mulheres  
Se for preciso vamos sim meter todas as colheres  
Não aceitaremos nem mais uma gota de misoginia  
E para machista é sem anistia

De norte a sul a mulherada vai ocupar as ruas  
8M o Brasil sente a pressão porque a verdade nua e crua  
Não aceitaremos nenhum tipo violência nem opressão  
A Frente de Mulheres no Hip-Hop não passa pano  
pra misoginia agressão  
O que estamos pautando aqui é reparação

É louco pensar que no dia da internacional da mulher  
não temos nada pra comemorar  
Muitas das nossas como Eliane Moreira Santos da Costa  
a vida lhes fora arrancada e são muitos corpos pra chorar  
De uma vez por todas, parem de nos matar!

É pela vida das mulheres que saímos na rua hoje para gritar  
parem de nos odiar!

*May Buarque*

## Menina sonhadora

Menina sorridente  
Sonhadora e determinada,  
por vezes chamada de prepotente  
Teimosa, bate o pé e não desiste  
Chamada de grosseira e dura  
Mas com um coração doce  
e cheio de ternura

Desde pequena  
Tudo era muito difícil, achou que esse era o normal  
Até crescer e se deparar com a realidade  
do mundo tão desigual  
A casca endureceu e esse mundo a adoeceu

Porque o amor, lazer e o bem-viver  
eram coisas tão difíceis de ter?  
Não conseguia entender,  
parecia que seu destino já estava escrito  
E pelas representações próximas  
ele não era positivo

Todo dia acordava e suspirava  
A dor nas costas era condizente  
com o peso interno que carregava

Sorria, não seja grossa, tome cuidado,  
se esforce mais e não engravide  
Tinham centenas de regras,  
mas porque as que seguiam  
ainda eram violentadas e perseguidas?

Queria ser leve, voar, correr e respirar  
sem esses pesos  
Usar um vestido rosa, sujar os pés  
e tomar banho chuva em um dia de semana  
Leveza que nunca foi vivenciada  
Mas sempre almejada

Menina triste e sorridente  
Segue todas as regras mesmo  
com uma raiva crescente  
Assim segue hipervigilante, ansiosa e esforçada  
Espera que um dia seja libertada  
E assim como uma flor desabrochada

Que possa viver livre, leve,  
sentindo o vento e a brisa  
de uma vida que escreve uma boa prosa  
com a alma

*Raquel Conceição de Souza - Quel*

## Ser mulher

Eu fico pensando sobre o que ser mulher significa  
E é sempre a mesma fita  
Sobre como eu seria mais aceita  
se eu fosse menos feminista  
nessa sociedade machista

Sobre como o patriarcado  
ainda em 2023 se materializa  
Sobre quantos se calam  
enquanto um homem com uma mulher grita  
E após esse grito, como essa mulher fica

Se ela se cala, a situação suaviza  
Mas se ela fala a sociedade a ridiculariza  
Louca, forjadora  
De vários adjetivos nenhum deles é salvadora

Infelizmente, a pobreza e ignorância refletem  
a violência em constância  
Indireta? Sempre fui mulher de ideia reta  
Se tu não aguenta,

é indícios da sua comunicação violenta  
Revolução lenta  
Mas que a mulher feminista sustenta  
Se a arte é atravessamento  
espero que essa atravesse alguns homens  
nesse momento

Mesmo que a passos lentos  
E saibam que sim, não espero  
e não tolero ser bem vista  
no meio da sua rodinha machista

*Mariana Juliana Rocha Reis*

## Caixas de papelão

Ainda hoje  
o cheiro dos gibis me encontra.  
Basta abrir uma revista antiga  
e de repente volto  
para o chão da nossa casa  
coberto de histórias em quadrinhos  
espalhadas como pequenas janelas.

Minha mãe chegava com caixas de papelão.  
Era assim que surgia  
a nossa primeira biblioteca.

Só páginas coloridas,  
uma menina curiosa  
e uma mulher de bochechas rosadas  
com um sorriso largo  
me entregando mundos.

Foi ela quem colocou  
a leitura nas minhas mãos.  
Talvez sem perceber,

foi ela também  
quem colocou a escrita.

Porque algumas mães  
ensinam a gente a ler.  
Outras ensinam a gente a sobreviver.  
Minha mãe conheceu a violência  
que mora dentro das casas.

A violência que veste  
o disfarce do amor.  
Violência familiar.  
Violência conjugal.

Aquelas feridas silenciosas  
que muitas mulheres carregam  
entre uma tarefa do dia e outra.

Eu era pequena,  
mas me doía muito.  
E mesmo assim  
no meio dos dias difíceis  
lá estava ela outra vez

abrindo uma caixa de papelão  
cheia de gibis.

Como quem insiste  
em plantar futuro.  
Ainda hoje,  
quando olho para minha mãe,  
penso:

prova maior de resistência  
não há.

Herança maior  
do que a que ela me deu  
também não há.

Minha mãe sobreviveu, oxalá!  
E aquelas que não tiveram essa chance?  
Aqueles cujas histórias  
foram interrompidas  
pela violência?

Aqueles mulheres que jamais ocupariam  
uma história em quadrinhos,

porque a brutalidade não lhes deixou  
página seguinte.

Talvez seja por isso que eu escrevo.  
Para que elas também existam nas palavras.  
Para que nenhuma mulher desapareça  
sem que sua história  
seja lembrada.

Porque toda vida de mulher  
merece mais do que silêncio.  
Merece tempo.  
Merece futuro.  
Merece continuar!

*Laiz Cecília*

## Infância deturpada

Era ano novo,  
todos queriam comemorar  
Enquanto fogos explodiam  
pra meia noite festejar,  
a mulher se esforçava  
pro roxo olho da mãe disfarçar

Ela se arrumou e ainda sim sorriu  
Mas o homem com masculinidade frágil  
se sentiu ameaçado ao ver sua mulher  
em cima de um salto

A ladeira desceu apanhando  
os filhos pequenos separando  
Essa ferida amarga que insiste  
em se fazer presente,  
nos olhos de minhas  
irmãs, sinto o brilho ausente  
Sem apoio de parente

Confesso que muitas vezes pra te sentir ali,

precisei de uns goles de cachaça  
Me perdi em algumas praças  
Naveguei em algumas mágoas

17 anos sofrendo violência doméstica em casa  
Segurei minha mãe no colo  
Desacordada, com a cabeça toda ensanguentada  
Meu irmão, uma semana antes de nascer  
Ele queria matar na machadada

Nos relacionamentos buscava você em todos os caras  
Abuso, agressão, criança violada  
Depressão que me açoitava,  
o sussurro do inimigo em meu ouvido, quase me  
levando ao suicídio

Meu ego que já quis gritar e espernear  
Passei a maior parte de minha vida  
acreditando que queria explodir, sumir...  
Buscando em tudo formas de sair da realidade

Era mais fácil do que me pôr como prioridade  
Derramei lágrimas sob esse chão,

não foi fácil seguir meu coração  
Compreender que o medo do abandono vinha de menina,  
o trauma de não ser amada,  
a esse era como uma faca afiada que me rasgava  
As traições que me deixaram fria como vulcões.

Perdão

Aquela garotinha de 8 anos  
não era capaz de compreender o que aqueles  
monstros eram capazes de fazer,  
me tocaram, me atravessaram,  
e o pior é saber que em cada 10, 9  
é o mesmo caso

*Não grita*

*Se você contar pra alguém eu mato você  
Você não ia gostar de ver sua avó morrer  
Aqui ninguém vai te ouvir*

É só esperar ela dormir, nem vai sentir  
A revolta me rodeou, a insegurança me bateu  
Meu corpo de mim se separou

Logo o tempo se fez presente,  
fui crescendo meio ausente  
Por 4 vezes já tentei fugir,  
busquei soluções que tirassem daqui,  
e por tantas quase me perdi  
Mas uma força maior me sustentou  
pra que essa mulher chegar até aqui

E juro em meu nome,  
dessa vez ninguém é capaz de me fazer desistir.  
Meus ancestrais me mostraram que o maior desafio é silenciar,  
é preciso muita coragem para entrar no mar.  
Mas sigo presente,  
aqui e agora me permito reescrever minha história.

Sai do raso e vem pro fundo,  
sai do fundo e vem pro raso.  
Navega e se entrega,  
ser de verdade exige vulnerabilidade.  
E às vezes é preciso sim.

Um grito pra aliviar  
Um sorriso para curar

Um abraço para cuidar  
Mas se o vazio e a tristeza chegar,  
deixe tua água te lavar  
Permita dessa vez o amor se aproximar

*Patrícia Oliveira - Xavas*

## Sapatão Viva

Sociedade que me atormenta  
E é claro,  
Eu corro risco!  
Ser sapatão pra mim sempre foi a profissão perigo.

São mais de 20 anos sendo questionada  
Se sou menina ou menino,  
E há quem fique impressionado  
Se me apresento como me sinto, e sou.

Maria,  
Quase um estado de espírito  
Maria  
Que sempre optou pelo seu bem-estar

Sem cabelos longos, saia  
Saltos para andar.  
Eu sempre acreditei,  
Que ser mulher é arriscar

Todas as possibilidades de ser

e se expressar,  
Ser livre e liberta  
pra poder se reinventar.  
Mas...  
Eu sei que corro risco!

Foram diversas Luana Barbosa  
com seu futuro interrompido  
Viver em alerta  
Até em banheiro feminino,  
Eu entro, e o coração acelera

O olhar eu inclino,  
são 5 minutos de pressa  
Que eu não posso dar vacilo,  
E sempre vem uma na certa  
“Moço aqui não é o masculino”  
Juro na minha pele “cês”  
já teriam desistido.

Pois não basta ser invisível  
Quando o assunto é estatística  
De mulheres como eu,

Que como mulheres não são vistas.  
Pelos homens,  
E seu estado machista.

Eu Protesto!!!  
Não serei mais uma vítima.  
Pois combinaram de nos matar  
Mas por vingança eu sigo viva!

*Maria Luiza Souza*

## “Itinerrância”

Vejo-me tanto de fora,  
Nunca encontrando um local,  
Nunca me vendo em um ambiente,  
Pareço ser itinerante,  
Errante,  
Retirante desta vida.

Minha militância,  
É não aceitar,  
Não me subjugar,  
Jamais deixar que me digam o que fazer.

Se o que pensava quê era liberdade, mas não é,  
Longe desta sociedade é o que me é...  
Meu mundo se fechou pra opressão,  
Quero me soltar desse grilhão.

Somos infinitamente sozinhas.  
Os caras que te olham, do jeito que querem  
Os corpos femininos são de todos,  
menos das mulheres

Chega, basta...

A finitude se volta mais para mim...

A vida é efêmera...

Chega, basta...

Eu quero o viver,

Eu enfrento,

A feminilidade é volátil;

A versatilidade é a resposta aos silenciamentos

O que queremos é viver;

Estar vivas;

Ricas;

Fazendo o uso das muitas formas de ser e estar.

Talvez seja essa a nossa maior meta

e que é um tanto previsível e clichê:

Ser livre!

*Ruth Oliveira*

## O lamento das rosas

O cravo brigou com a rosa mentiras repetidas  
até virarem verdade.

Repetidas na boca dos vizinhos  
nos boletins frios das manchetes que não  
economizam palavras para poupar culpados.

O cravo não brigou, ele cravo bateu  
e escolheu ferir.

A rosa sangrou em silêncio  
porque aprendeu cedo que gritar  
cansa e ninguém escuta.

De tão despedaçada a polícia foi chamada,  
mas não chegou para impedir  
chegou para medir o chão,  
contar os cacos e numerar a dor.

Chegou tarde não havia mais vida  
chegou perguntando o que a rosa  
fez pra provocar a própria morte.  
Perguntaram da roupa, do seu tom de voz

e sobre a sua liberdade,  
perguntaram porque não saiu antes,  
como se sobreviver fosse dever exclusivo  
dela, como se amar fosse crime punível com a morte.

As pétalas viraram prova o corpo,  
objeto, o sangue estatística reciclável  
em relatórios que não mudam nada.

O jardim virou cena do crime lavada  
pela pressa institucional de seguir a rotina  
de fingir normalidade,  
de não chamar isso pelo nome.

O cravo saiu andando saiu escoltado  
por discursos antigos, amparado por leis  
frouxas, por tribunais cansados  
e por uma cultura que ainda diz, que ele era um  
homem bom.

Foi ciúme, foi amor, foi impulso,  
mentiras bem aceitas para aliviar consciências  
para manter estruturas para continuar enterrando mulheres.  
E não foi briga, não foi acaso, não foi paixão,

foi uma escolha consciente foi  
ódio autorizado, foi um sistema inteiro  
ensinando homens a possuir e mulheres  
a ter que suportar.

Foi o Estado que falhou, foi o silêncio que matou,  
foi cada piada, cada  
desculpa, cada passada de pano  
e enquanto houver silêncio, outra rosa cai,  
e outra e mais outra.

E não é destino, não é amor doente,  
não é exagero é violência é estrutura  
é feminicídio.

*Isabel Cristina Ponciano Honorato - Cris Roots*

## O que eu quero

Tô aqui mais uma vez  
Recitando numa batalha de rima  
Falando sobre a luta das mina  
Agora que dei as caras  
Agora que também tô no corre  
Já sinto na pele

O machismo, a síndrome do estrelismo  
que eu não faço parte  
E nem quero  
O que eu quero?  
Reconhecimento, respeito  
e ser tratada como artista de verdade  
Não quero que vocês me aplaudem  
Quero que vocês enxerguem que,  
nós que somos mulheres

O corre é sincero, de verdade, sem lero lero  
Mas a luta de reconhecimento  
é bem mais árdua pra quem não tem uma pica  
ou baba ovo de “artista” de hype

Eu não quero hype  
Eu só quero ser ouvida  
e reconhecida pela minha arte  
Sou a llapoetisa  
Não sou da cena do rap,  
Ainda  
Mas na verdade eu nem preciso ser

Pra ver o que as mana passam  
Só de ser mulher já dá pra ver  
A caminhada não vai ser fácil  
Mas eu também nem quero que seja fácil  
Eu só não quero que a minha caminhada  
e de todas as manas seja assim como é  
Espancada pelo machismo,  
preconceito, misoginia, feminicídio...

Só não quero que seja essa agonia  
Ter que correr muito mais que muitos  
pra mostrar que não precisa ter uma pica pra ser  
artista reconhecida  
Os manos tentam até nos ofuscar  
Mas calma lá

Toda mulher tem seu próprio brilho  
E não precisa de ninguém pra brilhar

*Laryssa Esperandio Damasceno - Lapoetisa*

## Da boca de um poeta que nunca diz nada

Foi no morro que eu cresci  
e do morro eu to aqui  
Família era simples da roça  
mas tava todo mundo ali

*Apaga o cigarro, sai desse carro,  
quero cés tudo por aqui*

Na casa da minha mãe o fondue era na marmitta  
mas o importante era que tinha o "fondue"

Muito já chorei,  
mas também muito já fui de sorrir  
se ta na praia então,  
deixa deixa a onda vir

Muro no chapisco cheio de planta  
daqui até aí  
Minha casa era ali  
Agora minha casa tá por aqui  
no peito de quem para de verdade  
pra me ouvir

A gente apanha ,a gente corre  
se a gente luta a gente morre

Vim pra cidade grande ainda quando jovem  
Foi numa esquina que me levaram de esporte  
Pelas minhas roupa me julgaram santo forte  
*Briga igual macho!* Era o que ecoava

Minha barriga feito bola em pé de artilheiro  
Covarde!

essa luta eu não lutei ,corri

Fugi...

Lembrei que se eu lutasse  
a morte também chegaria pra mim  
Anos passam e eu sigo calada  
mas a cada poesia solta,  
uma palavra que da minha boca  
nunca saiu foi nada!

*Alaska Lourenço*

## Perspectivas do amor

Era noite

Depois de deixar sua flor em casa,  
ela saiu, de mãos dadas e radiante

O primeiro amor era sua filha

O segundo, ela achava que era daqueles amores  
que fazem o coração tremer  
como a brisa gelada do vento tocando o rosto

Era um amor quase, quase leve

tão intenso que flutuava,  
mas não por inteiro  
metade tinha um peso invisível,  
segredos guardados  
entre silêncios, inocência e olhares

A lua era imensa,

brilhava sobre a noite,  
e entre goles e risos  
o mundo parecia caber nas mãos.  
Até não caber mais

Voltaram diferentes,  
com palavras afiadas  
cortando o caminho de volta.

Ela já sabia, quase explodia,  
tinha investigado o invisível,  
e descoberto o que doía

Traição  
disse, como quem abre uma ferida.  
Ele negou

E o amor, que antes era um mar intenso de estrelas,  
não era mais  
Virou estilhaços de ódio, de dor,  
em tons de roxo

Sozinha, ela volta para casa  
com o coração destruído  
E ali, no silêncio da madrugada,  
viu o fruto daquele amor  
sua filha, inteira, viva.  
Ainda bem, pensou.

O tempo passou  
como quem muda de cor.

Mais tarde, duas flores desabrocharam  
em cores vivas  
mãe e filha, lado a lado,  
caminhando sozinhas  
Agora, com marcas visíveis,  
mas elas sabiam e seguiram

Na noite, tudo acontece  
Aquela magia que existia  
pairou, silenciou  
até os amores mais bonitos  
podem ser reconstruídos  
em diferentes caminhos.

Para minha mãe, Kátia Diniz.

*Naiara Diniz*

## Revolta

Mais uma mulher foi assassinada  
Tayná foi pela rua arrastada  
Mais um homem assassino  
Que se achou no direito de tirar a vida de Priscila

Em qual momento meninos viram homens agressivos  
E se acham donos de corpos femininos?  
Como soldados Israelenses na palestina  
Estupram mulheres durante o genocídio

Donald Trump  
Presidente dos Estados Unidos  
Envolvido com tráfico humano

Quantas meninas ainda estão desaparecidas?  
Todo feminicídio não pode ser visto  
Como um caso isolado  
Foram 4 agressores de 17 a 19 anos  
Que fizeram um estupro coletivo

Mulheres de todo o mundo sofrem com isso

Mas no Brasil,  
Principalmente na periferia  
Quando chamam a polícia eles dizem  
*Você é favelada demais para ser protegida*

O estado, o máximo que faz é um grafite  
Em homenagem a falecida  
O oportunismo usa o hip-hop para ser visto  
Mas respeitar mulheres, quem ensina?

Até nas escolas,  
De crianças professores dão em cima,  
Ou melhor, assediam  
Não importa que roupa vestia  
Pode ser burca ou vestido  
Colocam a culpa sempre na vítima

Dizem *ela estava pedindo*  
Eu não acredito  
E sei que muitos também se indignam  
E por isso luto para que esse sistema machista termine

Enquanto vivo, tenho esperança

Que todos aqueles que não aceitam essa violência  
Se levantem, construam uma comunidade unida  
Que cuide e eduque nossas crianças

Que ensinem desde pequenas  
O respeito e o cuidado  
Que a revolta seja direcionada  
Apenas a esse sistema opressor e arcaico

Que a dor não nos paralise  
Mas seja combustível para lutarmos  
Contra todas as injustiças

*Jaquelivre*

## Padroeira

Mãe das pretas solitárias senhoras  
Das meninas que choram  
o desprezo do mundo  
Acolhedora fiel das tantas negras  
sem rumo, sem casa, sem direito

Fiel protetora, apartai de mim  
todo esse mal que me persegue  
quando vou para casa, para creche,  
para o trabalho, para escola, para o hospital  
sangrando a minha vida

Ou enfim para os montes,  
erguer o meucrito de socorro  
e rasgar a minha garganta no desespero  
de não poder existir sem terror,  
mesmo em oração e sem poder dormir  
em que escute, por semana, que mais uma,  
igual a mim, morreu tentando cumprir  
o seu direito de voltar para casa.  
Indo em direção aos vossos pés, peço que

por um instante rogai por mim antes que  
eu padeça, assim na Terra como no céu.  
Sequestradas com todas as roupas  
que a culpa deixou

Compartilho com a Senhora um segredo  
que em bando guardo  
Meu descontentamento com o rival,  
que deveria ser par de Eva  
Eu, que também vim de sua costela,  
me viro escrava de leis que ele mesmo criou

E ele, é também o meu fruto  
Ainda sem filhos, me despedaço  
em desespero no enterro  
de uma mãe que grita

Por todos os cantos do mundo Padroeira,  
escutai o nosso grito de rancor e medo  
Porque sei que em silêncio choras  
junto comigo, pois não sou somente uma  
a sentir todo esse desamparo

Somos várias que fomos queimadas,  
arrastadas por longas ruas  
Aconteceu em Planaltina, ela indo para o  
trabalho de manhã cedo, ela foi impedida  
de voltar viva pra casa

Há quem chore a condenação do moço.  
Essa morte feminina que me ronda  
Me mantém imaginando cenários  
em que eu estaria segura

Penso então, que algum dia, não poderia  
mais haver justificativa para tirarem tudo  
que é da minha vida feminino.  
Eu não posso ir a qualquer lugar  
Nossos rogos serão ouvidos algum dia?

*Alice Suyane Tandial Sousa*

## Misoginia, um braço armado do machismo

É que você tá...

*Namorando todo mundo, 99% anjo perfeito,  
mas aquele 1% é...*

Misoginia

O ato de expressar ódio contra as mulheres,  
Simplesmente por serem mulheres

Hipocrisia

Falar que não é machista,

Quando notando os detalhes temos outra vista

Detalhes

Rótulos, falas

Ações e piadas

Eles mostram que o machismo

não está somente em agressões físicas

Mas em atitudes do dia a dia

Que mesmo passando despercebidas,

são mal intencionadas

Igualdade,

Tudo que não temos na nossa realidade,  
Mulher precisa provar o dobro  
Pra ser considerada metade,  
E isso em qualquer âmbito da sociedade.

Ele fica com geral e é considerado garanhão  
Ela beija 2 bocas e é apelidada de corrimão  
Ele faz o mesmo trabalho árduo que ela  
Mas o salário dele é maior do que o dela

Quando ele fala firme, é líder  
Quando ela fala firme, é difícil  
Rodada  
Fácil  
Mandona  
Emocionada

Não faltam adjetivos pra diminuir a mulherada  
“Brincadeiras”  
Mulher no volante, perigo constante  
Vai lavar a louça, fazer seu papel  
Foi só uma brincadeira,  
vc é muito sensível, meu Deus do céu

Tá tudo escancarado  
e pra vocês ainda não é visível?  
Você sabe que se você não falou  
Mas escutou  
E não se pronunciou

Você se torna compatível, não sabe?  
É por isso que eu canto aquela de Francisco, el Hombre  
*Um homem não te define*  
*Sua casa não te define*  
*Sua carne não te define*  
*Você é seu próprio lar*  
*Um homem não me define*  
*Minha casa não me define*  
*Minha carne não me define*  
*Eu sou meu próprio lar*

***Luna Julieana Van Der Laan***

## O encontro

Na infância já surgem sinais  
Apresentando traços da Essência  
Os interesses, os ideais  
Criatividade que expande a inteligência

A personalidade vai se formando  
Numa fase de Descoberta  
Na pureza do coração  
Encontra-se aquilo que desperta  
Imagine que mundo perfeito  
Poder ser o que acreditar  
Sendo única e autêntica  
Achando que vão aceitar

O tempo vai passando  
Começamos a entender  
Ser quem é custa caro  
É difícil se defender  
A Realidade é bem diferente  
A sensação é de queda  
Os valores inegociáveis

São trocados por moeda

O momento é doloroso  
Mas é preciso enxergar  
Olhar e viver o caos  
Para em seguida enfrentar  
Perdida e confusa  
Foi quando encontrei um lugar  
Onde todos são essência  
Sem medo de incomodar

Um encontro com o hip-hop  
Na sua imensa diversidade  
Mas um propósito em comum  
Ser quem é de verdade  
Sabendo respeitar  
Sem medo de existir  
Lutando pelas causas  
Precisando resistir  
Assim surge uma luz

Um indício de Esperança  
Fazendo reviver

Aqueles sonhos de criança  
Um lugar seguro  
Um movimento para Representar  
O que tantas de nós passamos  
E não tínhamos com quem contar  
Ali reside Coragem  
O que impulsiona a ação  
Ser mulher nesse meio  
Significa revolução

Existe Liberdade  
De vida e de expressão  
São pessoas determinadas  
Lutando contra a opressão  
Mas fora dali tudo muda  
Sozinha é atenção constante  
Olhares, palavras, atitudes...

Insegurança aterrorizante  
São em momentos assim  
Que é preciso ser forte  
A resistência precisa vencer  
Não se pode contar com a sorte

O movimento se expande  
Faça-se ouvir nossa voz  
Para onde for sinta ao redor  
Sempre haverá um, uma de nós

Nas paredes, nas músicas  
Em tudo e em todo lugar  
Enfrentando a opressão  
Na forma de se expressar  
Buscamos um mundo melhor  
Transformação de verdade  
Estamos por aí Espalhando  
Arte, cultura e liberdade.

*Allana Paula Braga*

## **Eu em mim**

Eu em mim!

Carrego amor, propósito e inteligência.

Mas escuta bem: eu não estou aqui só pra oferecer amor.

Eu ofereço respeito e espelho.

E se você não aguenta se ver

no reflexo da sua própria maldade, a culpa não é minha.

Eu não nasci pra ser violentada,

maltratada, amordaçada e subjugada

.

Meu corpo é sagrado.

É templo.

É portal da humanidade.

Você veio de um ventre.

Do ventre de uma mulher.

Como ousa querer ferir o espelho que reflete a própria vida?

O machismo é medo.

A misoginia é pavor do feminino.

É força bruta tentando calar, o que não consegue controlar.

Nos ferem.

Nos matam.

Nos diminuem.

Mas não nos calam.

Estou cansada de ver corpos vivos  
com almas assassinadas por causa de  
“marmota”, por causa de ego,  
por causa de uma masculinidade frágil que se  
sente gigante esmagando mulher.

Hoje eu dancei.

Chorei.

Desaguei águas paradas.

Ainda há enchente aqui dentro.

Mas eu aprendi: quando o corpo se movimenta,  
ele encontra saída.

Eu me movo.

Eu me curo.

Eu me reconstruo.

Desamassei meu corpo.

Estiquei minha história.

Abri gavetas antigas

e encarei dores que estavam guardadas esperando  
coragem.

Estou cansada de ser mal interpretada.

Julgada.

Controlada.

Amarrada em padrões que nunca me serviram.

Não nasci pra caber.

Nasci pra expandir.

Nos chamam de raivosas.

Nervosas.

Mimizentas.

Somos Afrontosas.

*Flávia Souza*

## Ser mulher

Que o ser mulher nos permita ser múltiplas  
descobrir-se todo dia,  
sem barganha, concessão ou permutas  
que o ser mulher não se resuma a ter um útero  
e que todas possam fazer suas escolhas  
sem estar em apuros

Que as nossas meninas não cresçam cedo  
como se fossem adultas  
Que nenhum estranho, nem conhecido  
ou familiar lhes cause essa angústia

Que o feminicídio não faça mais  
parte da nossa realidade  
e que o simples andar na rua não seja mais  
motivo de tanta ansiedade

Que o ser mulher não nos faça ter esse medo  
de caminhar na rua ou na vida, de noite ou de dia  
Que o ser mulher não se resuma a ter que dizer “não”  
mas que quando ele for dito, haja respeito  
e a devida compreensão

Eu venho do Vale do Paraíba,  
região tão rica no cultural e no capital  
mas que ainda hoje mata cada vez mais mulheres  
de forma brutal

Sou do país maravilhoso do samba e do carnaval  
mas neste mesmo país matam mais de 4 mulheres por dia  
no âmbito nacional

Imagine você, ser minoria nos cargos de chefia  
mesmo sendo maioria nas universidades  
sem muito destaque, do meio artístico ao corporativo,  
pois falta lugar pra diversidade  
mesmo cargo, maior responsabilidade  
e o menor salário

A gente pede, suplica, recorre ao tambor ou ao rosário  
porque não é possível a gente conceber a criação  
do mundo todo e ele ainda ser tão arbitrário  
Que gente não seja maltratada, assediada, abusada,  
estuprada nem assassinada na padaria da esquina,  
no caminho do trampo ou dentro de casa

Que a gente não sofra mais a violência física,

psicológica, patrimonial, sexual ou moral  
Que possamos ser reconhecidas como pioneiras, intelectuais,  
especialistas, artistas e da nossa vida a atriz principal  
Nesse sentido e em tantos outros, o hip-hop é um caminho  
abrindo portas em meio a esse mundo  
que ainda é um moinho

O hip-hop é nossa cultura e nos ajuda a criar mais espaço  
mulheres protagonistas vivendo muito além do cansaço  
sendo artistas, criadoras de um mundo mais seguro  
nas pistas, nos palcos, nos fones e muros  
que a gente saiba proclamar o hip hop  
enquanto instrumento de mudança

Que a gente possa trazer esse conhecimento  
pras nossas crianças  
De que a batida e os versos são mais que só música,  
que o break é mais do que dança  
que o graffiti é muito mais que só tinta  
e que o respeito é a nossa maior herança

*Marissa Aparecida Rodrigues Cavalcante - Vulgo Baloo*

## Classista

Foi tão sutil  
Mas, eu notei.  
Aquele zoom no meu perfil  
Assim que eu entrei!  
É ba-ta-ta!!

Na burguesia,  
Só tem um tipo de feminista:  
Aquele que pela freguesia não te maltrata.  
Afinal, colocaram seu nome na lista.  
Bando de porca classista!!  
Vitimista?  
Desça do alto da XV  
e brota na pista pra vê as conquistas.

É de embaçar as vista o que a artista  
marginal tá passando e há quem insista  
Somos todas feministas,  
Afinal, estão nos monetizando.  
Mas, a esmola não paga nem o 99  
da volta pra perifa Metropolitana.

Sagaz na nossa cola elas se paga.

Tá suave uma cota!

"tamo junto, mana"

Ah essas bacana!

Nem sabem o que nós vive!

As cinco pulando da cama

Descendo ladeira

Que pra elas é declive.

Eu tô cansada de preencher cota

Pra favelado em seus espaços gourmetizado.

Quando o público vai embora,

só nós sabe como é tratado.

Só falta ser revistado!

Os talheres e cristais serão sempre contados e recontados

Vai saber...

Se sumir um guardanapo descontamos do cachê!

Essa gente não sabe o que é oportunidade.

Tão aqui ó

E sem faculdade

Ay, cuánta bondad,

¡Majestad!  
¡Lamento haber nacido!  
Aquí en la ciudad  
Eres una divinidad,  
¡La madre de los excluidos!  
Es una lástima que tu lucha  
¡No cambia ninguna mierda!  
É apenas a tua disputa,  
não é alforra! Ela é alcunha!

Separa e não direciona!  
Não ampara, condiciona!  
Não repara, nem propulsiona!  
É só sua tara! Não funciona.  
Salve Aniele Franco,  
Imagino o que cê sente  
Igualdade é o seu trampo  
Mas, te olham diferente.

Pra eles é um espanto  
Ter que ficar trombando,  
A toda hora, em todo canto  
o povo do candomblé.

Mas, cada um deles,  
gemendo ou chorando,  
Vão continuar trombando  
A pretona da maré!

Cê pode até mudar seu status social  
Mas, nunca será igual!  
Delinquente e marginal você é  
independente da sua fé.  
Meu verbo é Ak-47.  
Mas, não me odeie  
pelo veneno das linha.  
Meus verso era pra pintar o set,  
e encher de amor pleno  
todas minhas poesia.

***Marcineli Barduina do Amaral - Diva Ganjah***

## 120 minutos

120 minutos, isso é muito tempo pra você?

O que da pra fazer?

Acordar, levantar, passar o café

Se demorar.

Abrir a janela e ver os caramelo brincá.

120 minuto, 2 horinhas põ

Dá tempo de fazer uma caminhada

Maratonar aquela série pirateada.

Ir na vô, pedir conselhos,

sentada a porta com café,

pão, um bolo se pá

Só 120 minutos, poxa, já vai embora dá rolê?

Acabou de chegar.

Mano, tanta coisa cade em 120 minutos...

Mas esse foi o tempo para a primeira mulher ser morta  
no Brasil em 2026.

Desculpa desabafar,

é que eu sou mina

e na minha caminhada aprendi que a favela é sinistra  
de madrugada, de dia, na faculdade, em casa.

Me preocupa, que sabe, eu tô gerando uma vida,  
e toda vez que alguém me pergunta se é  
menino ou menina, fico pensando se entre laços de fitas  
e bonecas de chitas, feitas a mão,

Quantos ãos eu vou ter que dar para a minha filha.  
Ei não vai muito longe,  
não anda sozinha à noite.  
Não!

Ah mas se for menino o medo passa .  
Não, ele vai ter que andar na navalha,  
entre ser criado por uma mulher e de tá num mundo  
reaça, que faz de um otário, um legendário.

120 minutos, fico pensando em todas as Marielles,  
Carolinas Marias de Jesus , Dilmás,  
Marias, Rafaelas, Evas, Erika Hiltons.  
No convite do ex que deseja te matar, estuprar  
e encontrar outros boçais para apoiar.

Vai Maria cansada de apanhar,  
não sou pedra mas posso endurecer.

A soberania nacional só será conquistada,  
quando as mina de todas as quebradas  
Estiverem livres  
Do pai, do tio, do irmão, do primo,  
do lobo atrás da porta  
Que nem se disfarça mais.

*Karine Justino Pimenta*

## **Ela disse que não**

No Brasil,  
3 em cada 10 mulheres  
já viveram violência dentro de casa.  
A casa, esse lugar que nos ensinaram a chamar de abrigo.

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública,  
milhões apanham, são ameaçadas, humilhadas  
e a maioria não denuncia.

Mas os números não mostram  
a pausa antes do “não”.

Não mostram a mão tremendo na frente da viatura.  
Não mostram o olhar baixo quando o SAMU pergunta:  
“Você quer atendimento?”  
Ela disse que não.

Não porque não doeu.  
Não porque não sangrou.  
Não porque não teve medo.

Ela disse que não

porque depende dele.

Porque tem 52 anos

e acredita que o mundo acabou para ela aos 40.

Porque ouviu a vida inteira

que mulher sozinha é fracasso.

Entre 40 e 49 anos

estão algumas das maiores

taxas de relato de violência.

Mas relato não é ruptura.

Relato não é liberdade.

As mulheres acima de 60

aparecem menos nas estatísticas

mas aparecem menos

ou falam menos?

A Lei Maria da Penha existe.

O 180 existe.

A medida protetiva existe.

A sirene existe.

O que às vezes não existe

é a crença de que ela merece viver sem medo.

Existe a dependência financeira.

Existe o isolamento.

Existe o *ele é assim mesmo*.

Existe o *na minha idade, quem vai me querer?*

E existe um país  
onde mais de 3 milhões de mulheres  
sofrem violência por ano  
e muitas negam o boletim  
como se negar fosse apagar.

Mas negar não apaga.  
Só empurra para dentro.  
E o dentro adoece.  
A violência doméstica  
não começa no tapa.  
Começa na frase:  
*Você não vai conseguir sozinha.*

Começa na diminuição.  
Na vigilância.

Na culpa.

Na perda lenta da própria imagem no espelho.

E quando a viatura chega,  
ela já não sabe mais quem é.

Ela disse que não.

Mas talvez o que ela estivesse dizendo fosse:

*Eu não sei viver sem isso.*

*Eu tenho medo.*

*Eu não acredito que exista algo melhor.*

Talvez o nosso papel  
não seja apenas contar os números  
mas reconstruir a possibilidade.

Porque denunciar não é só um ato jurídico.

É um ato psicológico.

É romper com a identidade de quem aprendeu  
a sobreviver.

E enquanto o país conta casos,  
existem mulheres contando desculpas  
para continuar vivas.

A pergunta não é apenas

por que ela não denuncia.

A pergunta é:

Que mundo ensinou essa mulher

a achar que a violência

é o máximo de amor que ela pode receber?

*Aivil Crist*

## Amor que mata

Ao te conhecer flores me dava  
e com palavras doces me acordava.  
Pensava sempre que sonhava  
porque era assim que sempre quis ser tratada.

Porém um dia você chega  
Meio nervoso e começa a bater na mesa  
Diz que fiz algo errado, que me ama  
e que estava decepcionado.

E de repente aquela mãos que sempre me acariciava  
um tapa do nada me dava...  
e era chutes, pontapés e puxões de cabelo  
e naquela hora era só o desespero.

Ficava sem entender, chorando no cantinho  
com medo de você  
Porém do nada você pede desculpas  
e diz que me ama e que foi minha culpa  
Me manda flores e mensagens bonitas

Te perdoo, pois sem você não tem sentido minha vida  
De repente vem flash do que aconteceu,  
mais não combina em nada com você,  
Será que a culpada realmente sou eu?  
Parece um pesadelo  
e espero que nunca mais volte a acontecer

Vamos sair e eu toda bonita  
Linda e cheirosa para você  
Então do nada você explode falando  
que em outros caras eu estou mirando  
E novamente vem o pesadelo  
Levo socos, e uma grande surra  
e isso me leva ao desespero

São duas pessoas que tenho ao meu lado?  
O que fazer se parece que estou amarrada?  
Olhos roxos e inchados  
E o sonho de ser tratada como princesa  
está como meu celular, quebrado  
E várias vezes assim acontece

Porém sempre acho que a culpa é minha

e que vai melhorar e sair não consigo  
e permaneço lá  
O que fazer sem você?  
Dependo em tudo para sobreviver  
Família e amigos já não estão mais perto,  
pois não conseguem me ver nesse aperto.

De repente depois de outra surra, que já virou rotina  
E agora não tem mais flores nem palavras bonitas  
Faço tudo errado e desperto a sua ira  
De quem dizia que me ama e me protegia

Um dia vejo que tenho direitos  
e que não preciso viver desse jeito  
Maria da Penha era o nome dela e sofreu,  
apanhou e quase morreu.

Mas mesmo em uma cadeira de rodas  
violência ainda sofreu  
E foi em agosto que seu desgosto acabou  
e seu sofrimento uma lei virou

Ao ver isso pensei no quanto que sofria

Era violência verbal, física, sexual, psicológica  
e eu achando que em nada ninguém me acudia

E pensando nisso disse para mim mesma  
que não mais omissa seria

E em mais um dia ele chegou

E agora para me bater nem precisa de desculpas,  
só me bate e depois vai dormir

E nesse momento pensei vou me libertar  
e nessa tal lei me apoiar

Peguei o celular 180 ou 190 posso ligar

E se ninguém acreditar em mim?

Ele é tão educado e a todos trata bem  
e só comigo que vai mais além

Mas ligo e peço ajuda,

pois vi no noticiário que muitas não têm a mesma sorte  
e em meio às surras acaba em morte

Vou me libertar e nunca mais deixar  
ninguém assim me tratar

Sempre lembrando que violência não se aceita

e que socorro posso solicitar,  
pois a lei Maria da Penha está para me apoiar  
E esse direito não vou deixar de usar

E você mulher não se deixe enganar,  
ser tratada com violência não é uma opção  
Você já é um mulherão  
e não precisa de alguém que não te dê valor  
então se valorize e no primeiro sinal de violência,  
saia e de tchau, pois vida só temos uma...

*Patricia Sintonia*

## Manual da Indignação Seletiva

Vocês acendem tochas  
quando o campo é ferido  
quando o ídolo tropeça na própria imagem  
e o replay vira tribunal

De repente  
todo homem é lei  
É régua  
É sentença  
perito em justiça  
com Wi Fi e ego inflado

Mas quando o sangue escorre  
fora das quatro linhas  
no quarto  
na rua  
no corpo de uma mulher  
o mundo de vocês perde o sinal

Curioso a indignação de vocês  
Tem agenda

Tem horário comercial  
Tem preferência clubista

Grita por chuteiras  
engasga em nomes de mulheres  
Vocês sabem escalar um time  
mas não sabem nomear a violência  
Sabem discutir impedimento  
mas não enxergam o corpo impedido de viver

No auge do feminicídio  
da misoginia que veste terno  
e da transfobia que ri em grupo  
Vocês escolhem o modo silencioso  
como quem respeita um minuto  
que nunca existiu

Neutralidade vocês dizem  
Como se fosse ausência  
Mas neutralidade é sofá macio  
numa casa em chamas

É escolher não levantar

enquanto alguém arde  
É lavar as mãos  
com o sangue que não suja o seu time  
Defender um ídolo é fácil  
Difícil é encarar o espelho  
e perceber que o jogo sempre foi armado  
pra vocês vencerem

Porque no fim  
não falta voz  
Falta risco  
Não falta discurso  
Falta coragem de perder aplauso

E o silêncio de vocês  
Ah! o silêncio de vocês  
Não é vazio  
É um grito bem treinado  
pra não incomodar ninguém  
além de quem já está morrendo.

*Dark Ferreira Tomé - MC Dark*

## Me Diz Você

É que já me disseram  
Que para poder estourar  
Não poderia mostrar tanto  
O meu corpo

Vou estourar sua cabeça com meu som  
E quando você perceber  
Vai estar querendo  
Ouvir de novo

Sigo vestida toda original  
Sou uma obra de arte que eu mesma pintei  
Não estou pedindo para você nem um real  
Então nem pense em opinar porque eu não te perguntei  
Você queria que eu fosse agressiva, toma  
Querida mesmo é que eu fosse mais uma e não a dona

Da caneta que desliza muito mais que minha buceta  
Ser mulher não é ter buceta e essa letra aqui denuncia  
Então cheguei nesse cenário  
Pés no peito, puro escárnio

Pra dizer, que a gente pode ser  
O que quiser  
Homens não vão me impedir  
Não podem me fazer cair  
Porque hoje eu aprendi  
Minha força com minhas de fé  
E não se engane não, eu já perdi meu sangue  
Para me livrar do que esse sistema me fez

Rasguei o texto de Amélia e amargurada com essa tragédia  
Escrevi o poema da vez  
Então me diz você, o que devo fazer  
Se a minha roupa é julgada e eu silenciada  
Então me diz você quem é que eu devo ser

Se as minhas referências morreram assassinadas  
E olha só quem está passando  
Do outro lado da rua  
Aquele mesmo cara  
Que feminista se autointitula  
Adora militar  
Vem estendendo o pulso errado  
Mas com o amigo agressor

Vem caminhando, lado a lado  
Vem com seu discurso pronto  
De que Deus é uma mulher  
Mas quando sabe de um estupro  
Vem me dizendo *qual é, qual é*  
*Olha o tamanho dessa roupa*  
*Ela não devia estar sentada igual moça*  
E aquela que transou a força

Ele culpa, insulta e chama de louca  
Então me diz você, o que devo fazer  
Se a minha roupa é julgada e eu silenciada  
Então me diz você quem é que eu devo ser  
Se as minhas referências morreram assassinadas  
O número de mortes aumenta  
Em silêncio meu coração lamenta  
Por todas manas, monas, musas e Marias  
Que morreram estupradas por um sistema machista

Podem até tentar me calar  
Mas o meu peito vai sempre ecoar  
E eu não falo por todas  
Porque quero que elas estejam lá para falar

Então não pense em me dizer  
O que devo fazer

Se a minha roupa incomoda  
A mim pouco importa  
E vê se não me toca  
E não me olha torto  
Que com agressor meu papo é outro  
Ou eu mato ou morro.

*Linda Inês Neiva Viana*

## A PUTA QUE TE O PARIU

Não é MI MI MI

É PÁ PÁ PÁ

E fim de conversa!

*Quem foi que mandou essa mulher terminar  
comigo uma hora dessa?*

E é assim que começa

Às pressas

Sem ser contado por elas

Que em 10 minutos de prosa

O fim de mais uma Rosa entra pra história

Já não há mais sementes, germinação nem cultivo

Parece até que o mundo não faz mais sentido

Faz feminicídio!

E nós somos gatilhos

Desses masculinistas, machistas, red pills

ou a PUTA QUE TE O PARIU

Sentiu? é o grito da resistência

E, por favor Deus, dai- me paciência

Pra explicar pra esse filho  
que ele também nasceu de uma buc\*\*\*

Me desculpa as palavras  
Mas é que a moça aqui esqueceu a etiqueta lá em casa  
Com medo de voltar e ser baleada  
E como sempre, a troco de nada!

Arrastadas, puxadas, violentadas  
A vida de uma mulher no brasil,  
não vale de nada  
E não importa classe ou raça  
Aliás, se for preta ai já embaça

Mas o problema, infelizmente, é o gênero  
Pra se nascer mulher aqui  
O requisito é o medo

Às que se foram, sem palavras  
Estaremos fazendo jus a vocês nessa estrada  
Sem pedágio, sem tempo pra parar  
O corre é árduo e a luta não pode acabar!

EU GRITO  
E NÃO CANSO DE GRITAR:  
NENHUMA A MENOS

*Giulia Angela Alves de Carvalho Almeida*

## Colecionador de Abusos

Mantive a postura, pouca prosa,  
silenciei e não expus seus atos  
Seria um colapso!

Imagine deixar de ser louvado,  
referência, exaltado  
Ah, que farsa!

Eles mal sabem que suas ações foram destrutivas  
Destruíu com várias vidas,  
eles mal sabem

Mas eu prometi não revisitar o passado  
Mas é que é foda ver você nos palcos,  
sendo endeusado, ocupando espaços

Seguindo seus passos e assumindo uma nova tática:  
Antes feminista, hoje machista em desconstrução  
Aproveita e assume suas agressões  
No quesito enganação, manipulação você fez escola  
É uma vergonha toda sua trajetória  
Percebam os relatos são semelhantes,  
mas vistos como insignificantes

Mulheres humilhadas demais para falar,  
machucadas demais para reagir  
Colecionadores de abuso não use sua força  
para nos intimidar

Eu te odeio  
e odeio ainda mais o fato de um dia  
você ter feito eu me odiar  
Recuso a posição de me manter calada,  
você não vai conter o meu grito

Me deixar abatida, estou carregada de palavras:  
no papel, na oralidade, destruo  
Seus artificios e não serei mais sua vítima.  
Sua postura intragável me causa indigestão  
Sua mão não será usada para me deixar quieta,  
a cada 2 minutos uma mulher  
é vítima de violência doméstica, subjugadas, humilhadas,  
diminuídas para se encaixar em um espaço raso  
Que nunca esteve preparado para imensidão que ela era

Agora já era, rejeitamos o lugar de ser oprimida,

adocida pelas suas palavras  
Ter a sanidade mental questionada.  
Chega, pare de farsa!  
Mostre sua face.  
Talvez até eles saibam que você nunca foi aliado,  
mas filho bem-criado do patriarcado.

*Anne Souza*

## Masculinidade

Pra que me entregar  
Se eu sei que pode me trocar  
A novidade sempre encanta  
E eu sei que vou voltar a me cobrar  
Pra satisfazer  
Preencher  
Um vazio  
Que nem cê tá bancando

Buraco dentro do peito  
Fruto de dores de anos  
E outros manos  
Filho de outros filhos  
Do descaso e do desleixo

Andar armado é o que te sobra mesmo  
Pra cê tentar ter algum respeito  
Já que o espelho te incomoda  
Tira foto se escondendo  
E fala que faz por que é moda  
Fala que isso é trap mesmo

E é de fato  
Trazemos fatos  
Costuramos fácil  
O que cê ignorou

Aqui  
Expomos  
A ferida viva  
Somos reflexo do que te angustia  
E cê não quer ver  
Vai ter que ver  
Tem que aceitar  
O mundo novo  
O novo momento  
Já chegou

Cê sabe e é isso mesmo  
Então se quer ficar  
Acompanhe  
Tenha coragem  
Se encare  
De a cara

Vai se tratar  
Busque ajuda  
Sua masculinidade não nos intoxicou  
Nos deixou maiores  
Nos fortificou

Fizemos gol  
Sem nem chamarem pro show  
Criamos outro jogo  
Outra partida  
Brotamos além das feridas  
Juntamos todos os cacos  
Criamos além do básico

E aí? Ce vai continuar assustado  
Ou vai querer sair do raso?  
Vai viver ou tá com medo?  
Vai se ver ou tá com medo?  
Ce não era macho mesmo?  
Se desmonta esse é o momento

O tempo passa  
Os filhos chegam

E ces continuam o mesmo  
Olhe a si mesmo  
Antes de olhar alguma mina  
Somos um campo minado

Então não pise em falso  
Seu elogio falso não nos satisfaz  
Não nos atrapalhem mais  
Aplauso  
Respeito  
Salário

É só o começo  
Pra equiparar  
Se ponha no seu lugar  
Pense antes de rimar  
De peito pra peito  
Assino o texto  
De uma mulher, pra um homem preto

*Mylena Drague*

## **Violência nunca mais, hoje ela disse chega!**

A história de alguma mulher de qualquer parte do Brasil  
pode está começando assim...

Hoje foi um dia que Joana foi espancada.

Hoje foi um dia que Maria levou um tapa na cara.

Hoje foi um dia que Ângela gritou  
e os vizinhos disseram, ninguém ouviu.

Hoje foi um dia que Elisa Sam...pausa,  
essa nem teve tempo, o Bruno a matou.

Em cada história dessa o autor da violência  
é sempre o mesmo sujeito.

São quatro mulheres assassinadas por dia no Brasil,  
vítimas dele, lembram,  
pois é, o tal sujeito.

E sabemos bem que é, porque é impossível  
que alguém já não tenha escutado  
assim, *meu filho será sujeito homem*  
Sujeito homem, que tipo arquétipo de “Ser”?

Na sociedade brasileira essa fala deveria ser banida,

porque ela carrega um patriarcado  
que deixa na história sempre uma ferida.  
Mulheres feridas pelo homem dominador,  
torturador, abusador, estuprador...

Um pai, um tio, um irmão, um ex-namorado,  
Um primo, um amigo ou um desconhecido.  
Misógino, machista, patriarcal,  
Qualquer um deles pode ser o agressor,  
se fingindo de bom moço, tal qual pastor.

Violência física, sexual, patrimonial, psicológica  
e moral, na moral,  
a violência contra a mulher, sejamos sinceros,  
não é nada racional.

Sujeito homem, que tipo de arquétipo de ser?  
As mulheres querem o direito à vida  
e serem respeitadas, só para esclarecer,  
na vida delas quem mandam são elas e não vocês.

E se de um lado aumenta a violência contra elas,  
por outro, as mulheres mostram que cresce a coragem

de não se calarem,  
estão prontas para denunciarem.

Depois da última violência sofrida  
teve forças para reagir  
*Cadê meu celular eu vou ligar pro 180...*

Maria da Penha ativou os sentidos  
e deu um basta a brutalidade sofrida contra si,  
encontrou um caminho e puxou várias mulheres  
para saírem dali.

Decidiram quebrar a estrutura dominante da violência  
contra a mulher imposta pelo homem.  
Chega de ódio e aversão às mulheres,  
o pacto do silêncio rompem.

Elas compreenderam que violência  
de gênero não é normal,  
e todas juntas vão lutar até o final,  
para que a justiça e os direitos de todas prevaleçam.  
E assim, unidas, mulheres cresçam e floresçam.

Na coletividade entenderam que somam forças e,  
também combativas contra toda forma de opressão machista.  
Agora em alto e bom som elas esbravejam,  
temos os direitos sobre as nossas vidas.

E diante do Estado e da sociedade indagam  
que tipo de sujeito homem,  
o homem quer “Ser”?  
Porque afinal de contas,  
as mulheres querem simplesmente “Viver”.

*Monique Camaleoa*

## Todas as pétalas

Recolhi todas as pétalas que foram derrubadas;  
Avistei todos os espinhos quebrados  
que serviam para minha proteção;

Juntei também os amontoados de galhos  
que foram podados na desculpa que não  
crescessem demasiadamente  
e ocupassem muito espaço;

*Um dia você será uma grande roseira,  
mas por agora não!*

Dizem que sou uma rosa,  
mas por que não eis um bom jardineiro  
e me deixe crescer no meu tempo?

Por que a cada brotão que nasce insulta-me  
com palavras que os fazem estagnar?

Por que não consigo sair da cerca invisível  
que criou ao redor de mim?

Um dia...

Realmente, talvez um dia

Eu seja uma linda roseira,  
mesmo desejando ser uma árvore.  
Um dia sairei e atravessarei as barreiras  
que me sufocam e me prendem.

É estranho pensar desta forma,  
mesmo vendo outras milhares de Camélias,  
Hortênsias, Margaridas, Rosas, Marias, Julias, Elis  
Que tentaram ser grandes e foram podadas,  
mas pela raíz.  
Eu quero apenas viver  
e não a cada dia tentar sobreviver.

*Karitha Evangelista*

## O grito

Ontem silenciada,  
hoje deu seu grito  
com a caneta que lhe foi apresentada.

A história grita alto,  
o sangue derramado ainda corre pelo asfalto.  
Minhas mãos cansadas seguram a caneta,  
com firmeza, para engatilhar essa letra.

Onde o machista é criado pelo sistema,  
o colonizador cria o esquema,  
Que o opressor caia!  
E a mulher se erga!

A verdade seja leal e sagrada,  
seja enxergada,  
para que vejam que estamos na mira  
e a arma está engatilhada.

Sou retrato vivo,  
língua com gatilho

atravesso o pensamento  
e afronto os que tiram a vontade de viver

As vozes das minhas irmãs mortas soam.  
Em meu ouvido, no silêncio da madrugada,  
busco respostas por suas almas caladas.

Peço à Navalha,  
Me ensina a malandragem,  
não deixe que eu me perca na mira do opressor.  
Afió palavras e convoco minhas irmãs para a guerra.

Minha caneta é um fuzil sem silenciador.  
Desvio das armadilhas, sei bem o meu passo,  
Com olhar afiado e um coração de aço.  
Mantenho o legado, cansada de ver  
mais um corpo sendo mirado.

E, mesmo nas sombras,  
Eles nunca me calaram, pois...  
Quando as mina grita,  
ensinando o mundo a se mover,  
ecoam rimas assassinas como balas de revólver.

E...  
para viver,  
enterrar o machista escroto  
em cova rasa e o que resolve.

*Mályka Macário Moreira*

## **Mais uma de nós**

Começou no gesto leve,  
no carinho que parecia seguro.  
Ela acreditou.

Os pais o admiravam.  
Todos o amavam.  
Ninguém desconfiaria.

Depois veio o controle,  
disfarçado de ciúmes.  
Ele virou seu único amigo.

O tom dele subiu.  
As roupas a esconderam.  
O brilho dela virou motivo de ódio.

Vieram as comparações,  
as críticas,  
a desvalorização.  
Ele sugava tudo.

Ela foi traída.  
Ele a culpou por descobrir.  
Não era amor,  
mas ela já não conseguia sair.

O primeiro dedo na cara  
virou o sétimo empurrão.  
Ela vivia tensa.  
Ele não aceitava um “não”.

Mesmo sem vontade,  
ele dizia que ela devia.  
Ela chorava.  
Ele deixava marcas.

O silêncio virou sobrevivência.  
O corpo pedia ajuda.  
A alma, descanso.

Para todos, um “homem raro”.  
Para ela, um homem amargo.  
O salário dela era ameaça.  
A masculinidade dele, frágil.

Chamava-se provedor,  
mas vivia às custas dela.  
Quando tentou ir embora,  
vieram as ameaças.  
Alguns viram,  
mas fingiram não ver.  
Outros ouviram,  
mas fingiram não ouvir.

A medida protetiva falhou.  
O feminicídio, não.  
Todos viram o começo.  
Ninguém acreditou no fim.  
Ela virou estatística.  
Ele, herói dos misóginos.

Mais uma mana morta no Brasil.  
Seja cis ou trans,  
defenda uma mulher.  
A omissão mata.  
A ajuda salva.

*Ana Flávia Paes de Souza*

## **Estatística**

Essa noite eu acordei desesperada  
Sem saber ao certo pelo que eu esperava  
O telefone toca me lembro dessa chamada  
Escutando a notícia todo o meu corpo gelava  
Depois de 15 dias sem notícia te encontraram  
Seu corpo jogado como lixo descartável  
Toda sua família e os amigos lamentaram

Era uma boa pessoa de caráter memorável  
Ela só tinha 17 quando ele a conheceu  
Um cara educado vindo de boa família  
Atração instantânea o inevitável aconteceu  
Falou pro pai dela  
Eu quero a mão da sua filha

Tudo corria bem os dois se amavam era lindo  
Perfeitos um pro outro era o que todos diziam  
Até que aconteceu o primeiro corrido  
Que fez cair o mundo de perfeita alegria  
Um soco no olho ela nem acreditou  
Como o homem perfeito era capaz

Depois desse fato ele então se desculpou  
Tentou fazer as pazes de uma forma eficaz  
Pensando que fosse um acontecido isolado  
Tentou perdoar seguiu em frente e esqueceu  
Mas ela não sabia o que estava preparado  
Jamais pensou morrer da forma que ela morreu

Uns dois meses depois saíram pra tomar uma  
Tênis shorts jeans e uma camiseta branca  
Um cara a secava tanto do outro lado da rua  
E quando chegou em casa do nada ele a espanca  
Ele te olhou porque cê tava quase nua

Você se arruma assim que é para chamar atenção  
Mereceu apanhar porque cê é uma vagabunda  
E a deixou sangrando ali no meio do chão  
No outro dia flores, chocolate e uma carta  
Perdoa meu amor ontem eu bebi demais  
Eu peço por favor pra você voltar pra casa  
Essa situação não se repetirá jamais

Certa da mudança dele ela então volta  
E meses se passam sem que nada aconteça

Uma notícia chegando família e ela conta  
Agora estava grávida que a paz permaneça  
Uma tarde de domingo 3 meses de gravidez  
Ele chega em casa muito bêbado pra quê?  
Foi chute porrada violência e dessa vez  
Não atingiu só ela também matou o bebê

Certa que ele era um homem violento  
Decidiu sair em quanto tempo ainda tinha  
Parou e repensou na sua vida um momento  
Decidiu voltar para casa da sua família  
Foi quando começou a forte perseguição  
Ele não aceitou o fim daquela relação  
Ela foi na delegacia e abriu uma ocorrência  
6 metros de distância ou você vai para prisão

Uns meses se passaram ela arrumou novo emprego  
A vida era linda como nunca tinha sido  
Conheceu um carinha que a tratava com chamego  
Quase a fez esquecer tudo o que tinha acontecido  
Feliz que finalmente a vida andava pra frente,  
terminou a escola que ela havia largado  
Até que um dia assim meio de repente

A mandaram um áudio que nunca foi escutado  
No dia seguinte ela não foi trabalhar  
O telefone toca sem ninguém para atender  
Talvez ela tenha saído pra relaxar  
Vamos mandar mensagem e esperar ela responder  
Mas depois de 3 dias nada de uma resposta  
A família preocupada deu queixa de seu sumiço

Ela não respondeu nem mesmo uma proposta  
De promoção de cargo recebida do serviço  
Depois de muita busca numa madrugada fria  
Recebi a resposta do que houve com a minha filha...  
Feminicídio  
A cada 6 horas uma mulher é vítima.  
Denuncie.

***PUNKA***

## Últimas palavras

Não há sequer uma parte de mim  
tocada por você  
sim, você chegou  
ao meu mais íntimo  
e tocou e tomou  
com violência  
até que o que sobrou  
foi ínfimo

Mas não sou mais aquela  
carreguei essas sobras por um tempo  
na sobrevida que é o luto  
minha voz tinha gosto de lamento  
sem mais, fiz o que cabia  
toda vez que olhava pra trás:  
lamentei  
e meu lamento foi escutado  
por cada parte minha

Olhei por tempo demais pro precipício,  
Gritei até ecoar o meu suplício *d(eu)s me ajude!*

Ele me olhou de volta  
e sua resposta ressoou pelo meu corpo:  
É hora de enterrar o que está morto

Não há nada em mim  
que você tenha tocado  
pois não sou mais aquela  
Minha voz não repete suas palavras  
Meu olhar não reproduz seus julgamentos  
Meu corpo não se encolhe diante do amor  
com medo dele ser apenas um disfarce pro abuso  
Minha mente não reage aos fantasmas  
da lembrança dos seus atos

Não desvio das pedras imaginárias  
que você jogou no meu caminho  
qualquer resquício seu aqui  
eu mesma identifico  
e mato

Não há por que manter vivas as sobras  
ou manter em pé estruturas condenadas  
Como, afinal, eu iria me nutrir

Com comida contaminada?  
Tudo que você tocou  
com seus pensamentos podres  
e emoções perturbadas  
Que fique pra você então  
Aquilo que sobrou no seu rastro de destruição  
Não me serve mais pra nada

Não sou mais aquela  
a parte de mim  
que foi capaz  
de se reerguer dos escombros  
Me trouxe até aqui, sim

Mas não é ela  
Que há de seguir jornada  
pois ela só sabe existir  
com o fardo nos ombros

Assim,  
num golpe de paz  
Agora declaro:  
aqui jaz

a última parte de mim  
que você tocou,  
morta e enterrada.

*Amanda W. T.*

## Domesticada

É complicado,  
tira as falhas pra mim acertar.  
Isso é comum: cis, mulher - então vai ter que casar  
Com aquele cara que foi Deus quem preparou.  
Dona do lar, domesticada - põe a mesa do jantar.

Cuidadora, dócil, discreta e resignada,  
Silenciosa, servil, polida e silenciada.  
O que é bom pra ela?  
Vontades anuladas,  
Dependência financeira, emocional  
Ou de não se sentir adequada.

Quais papéis encaixar a ela, então?  
Tarefas domésticas  
E submissão.  
Vai ter que preparar toda refeição,  
Cuidar da educação  
Cuidado com a educação!

Pra não repetir as falhas.

Não dão palco pras minhas falas,  
Porque julgam a minha cara...  
E, se você reparar...

A história se repete — mas não por tradição:  
Por falta do lembrete  
De que é passado de geração.

É estrutural pra manter o capitalismo,  
E dizendo “ó, Deus” em vão.  
Não confunda a ancestralidade  
Com a falsa unição!

Sinto vibrar o batucar do meu coração,  
E, se eu dou giro nas favelas,  
Em cada rua,  
As sentinelas em posição —  
Prontas pra cuidar das vielas.

Não sei onde fazem residência.  
Só sei que, lá dentro,  
Da casa delas,  
Mulher preta é referência.

Aqui fora, as oprimem  
Porque têm medo de deusas.

Sem contar do direito de ser menina...  
Flor Maria me disse, aquele dia:  
Os corpos em cada esquina  
São fruto dessa sociedade machista!

*Luma Reis*

## Carpinteira do Universo

Menospreza o trabalho, o esforço e o tempo,  
Menospreza a história, ideologia e o sentimento.  
Se coloca em um pedestal,  
Pra se sentir maior,  
Oprimem, condenam e matam sem dó  
Destroem sonhos, passados, futuros e presentes  
Em todos os espaços como o "Alfa" se sente

Quando se enxerga menor agride consciente  
Publicamente, psicologicamente, fisicamente  
Mente, omite insiste, persiste  
Abusa, lambuza, rasga calça a blusa, desiste  
Joga fora, troca por outra como um objeto  
Instrumento de prazer ao homosapiens, eterno!

Servente, calada, recatada, sem opinião  
Sem voz, sem liberdade, oprimida, sem expressão  
Refém das suas vontades e dos seus gostos  
objeto sexual em favor do gozo  
corpo assediado diariamente  
Seja mulher, criança, jovem ou adolescente

Obrigada a se oprimir e se esconder  
por que se for estuprada ninguém irá defender  
Teria que estar em casa fazendo comida?  
Lavando, passando, não largada na vida?  
(Essa opinião machista mata todos os dias)  
Por que pensam dessa forma ?  
Por que te beneficia !

Cada dia que passa nos tornamos mais conscientes  
Mais unidas e fortalecidas para seguir em frente  
Ficar de pé pelas que caíram  
Por aquelas que viram a morte e não desistiram

Carpinteira do Universo  
Cuida do jardim do mundo  
Um trabalho interminável  
Mais eu sei que é o meu rumo

*Bianca Amorim*

## Quem é que cuida delas?

Quem é que cuida de quem cuida da casa, de tudo?  
Quem protege essas mulheres que escutam absurdos  
Violadas, violentadas, no escroto abuso  
Nesse mundo machista, a agressão virou surto.

Tem quem passe pano,  
Pra defender são poucos manos.  
Tá assim há anos, e eu não me calo, eu explano.

Convoco, chamo quem aparece?  
Ninguém.  
Pedimos ajuda quem vem?  
Existem traumas, o mau que ganha do bem

São mulheres, são meninas perseguidas, feridas,  
Vítimas de uma sociedade doente, genocida.  
E muitos fingem que não vê  
Mesmo com internet e TV.  
Difícil entender  
É necessário combater.

Estamos na soma na luta,  
Corpos, vozes e vulvas  
Mulheres unidas, combatendo quem acusa.

Apontam o dedo, diz que a culpa é da mulher.  
E as crianças, também têm culpa?  
Qual é que é?

*Chai Odisseiana*

## **HIP-HOP contra o Femicídio**

### **Vem aprender a se Defender**

Muitas vezes você pensou em desistir,  
porque o peso de carregar o mundo  
E ainda resistir  
É um muro entre sua força e persistir  
Se liga na letra que eu preparei pra você ouvir

Pra não virar estatística  
aprender a se defender em cada esquina  
Com golpe, spray de pimenta, um choque,  
armada até os dentes  
E mesmo assim, não é suficiente,  
eles conseguem eliminar a gente!  
Quando a mulher fala, desmerece cada palavra

Não quero tua opinião, muito menos tua permissão.  
Hip-hop nunca foi sobre ser o melhor  
Transformar um pensamento  
Não é sobre mim, nunca foi

Na real não maquie minha letra

pra me encaixar no flow atual  
Homens matam 4 mulheres por dia,  
incluindo a própria mãe, filhos  
E tu acha que eu tô preocupada  
com o grill que brilha na tua latrina?  
Corremos com os lobos e eu digo a você  
Se defenda não deixe se abater

Tu não está sozinha se liga, tua força é maior acredite,  
você vai ver  
Você pode fazer acontecer, tenha fé, fé em você.

Vem aprender se defender, faça arte marcial,  
só depende de você  
Decida como vai ser sua vida,  
é só querer.

*Jany Li*

## **Machismo mata**

Infelizmente conheci a violência desde o ventre,  
Na ausência de um pai presente,  
Mas como toda criança,  
Só mais crescida eu viria a me questionar,

Por que para outra família ele sempre está lá?  
Essa resposta já não mais importa,  
Por tudo que tive que passar,  
Eu espero que ele nunca volte e fique bem por lá.  
Na presença de uma figura paterna,  
Eu tive que conviver com violência doméstica,  
Reviver minha veinha tomar 10 pontos na cabeça,  
Por alguém que eu admirava genuinamente,  
E ainda querem me dizer que eu deveria ser grata  
por estar presente...

Eu tinha 7 anos,  
Mas revivo esse trauma,  
Diariamente, direta e indiretamente.  
Quando finalmente,  
achei que a negligência dos homens adultos

já teriam se acabado,  
Eu tive que conviver com meu corpo sujo para sempre,  
Entender o que aconteceu comigo,  
Dói em um lugar,  
Que só quem já sofreu,  
Entende.

Convivi com assédios,  
Na escola, no ônibus, no meio da rua,  
E quando eu comecei a reagir,  
Me tornei uma ameaça pra essa gente,

Cara de jack é imã de soco inglês,  
Auto defesa é o que a gente faz  
desde que se conhece por gente.  
Se você me der motivos,  
Você vai se arrepender...  
Nem dá tempo de falar sobre todos os tipos de violência,  
Que nós mulheres sofremos,

Mas quem é mulher,  
Já passou por todas ou quase todas,  
Por quem amávamos,  
Ou por quem sequer conhecíamos.

Mas...

Eu renasci no meio do trauma,  
Direcionei toda minha dor,  
Busquei toda minha força interior,  
Para gritar,  
ACABOU.

Não aumenta o tom de voz pra mim,  
Não me toca se eu não te der autorização,  
Minha filha não vai dá beijinho no titio,  
seu Zé ruela sem noção,  
E se levantar sua mão...  
*Você vai se arrepender, de levantar a mão pra mim,*  
*Você vai se arrepender, de levantar a mão pra mim.*

Não vai sobrar mão para se levantar,  
Você vai ser aquele modelo exemplar,  
Nós não nasceu pra ser saco de pancada,  
Pra vocês socar,  
Se for tirar farinha,  
Com as mulheres dessa vez pode apanhar.  
Eu sou aquilo que ninguém mais acredita,  
Eu sou a Santa, sou a puta e a banida,

Sou os gritos de Anita Garibaldi,  
Bandeira baixa, e bandeira que agita,  
Sou feito fruto podre da cidade,  
Sou as filhas mal paridas da nação,  
Sou a coragem que no grito do covarde.

E, se você nunca foi a criança que corre  
para esconder a faca,  
Sou feliz por você nunca ter vivido essa parada,  
Pois todo dia que coloco a cabeça  
no travesseiro eu me vejo novamente naquela casa,  
Mesmo não estando mais lá.

*Ari*

## Mulheres como eu, lelê alves

Parece que cês tem medo de uma mina assim,  
com dinheiro no bolso  
e a pele escura brilhando em cetim,  
fazendo tudo aquilo que disseram não ser para mim.  
piercing, unha bem longa,  
combinando com a argola e uma boca carnuda...  
conquistando, ralando e trampano  
sem precisar da sua ajuda,

mesmo assim só é vista na rua  
como um par de peito e meio metro de bunda.  
nunca muda.

É nojento,  
A forma como cês abandonam  
uma preta ao relento.

Desumano,  
a maneira como escolhem  
quando nos tratar como um mano.  
mas do que adianta eu falar da solidão  
da mulher preta e vocês aplaudirem

se isso não muda estatística?  
O que adianta eu gritar nossa dor  
se vocês ainda nos veem como mercadoria?  
Rapper preto assumindo branca tem todo dia,  
Branco sexualizando a gente tem todo dia,  
O que não tem é a postura do cria  
que endeusa a mãe negra e não respeita a filha.

Me fizeram acreditar que mulheres como eu  
são difíceis de se amar.  
nos humilharam na infância,  
mas agora vão nos assistindo se encontrar,  
e como se não fosse o suficiente ainda tentam nos copiar  
nos silenciar.

Só que eu tenho espírito de preta patricia,  
do tipo hillary banks e dionne.  
e nas minhas veias o sangue de guerreira não se esconde.  
de dandara a afeni, de octavia a marielle  
e mais um monte.

Esse é o papo que eu mando,  
espero não causar espanto,

mas as pretinha tão encostando,  
os espaço tamo ocupando,  
E pra quem desacreditou de mim...  
Vai me assistir prosperando.

*Helenilsa Maria Carolina Alves - Lelê Alves*

## Forjada na dor

Sou mulher. dizem elo fraco, mas sou forte.  
ninguém tira isso de mim.  
mantenho meu brilho — querem meu fim.

Posso ser silêncio, às vezes trovão.  
minha voz carrega revolta,  
mas luto:  
bato firme meus pés no chão.  
Trago cicatrizes que sangram,  
e em cada queda me reergui na batalha.

Antes eu era sua, mas hoje eu sou de mim.  
carrego liberdade no peito,  
reescrevo eu meu fim.  
Não sou posse, não sou prêmio,  
muito menos troféu —  
sou raiz. sou forte.

Quando choro, é chuva para florescer.  
é triste, mas com minha dor

reaprendi a viver.  
Eu sangrei, mas me levantei.  
Eu sangro, mas me levanto.  
ninguém me cala.  
Minha história não se apaga.  
Sombra e luz: assim me reconstruí.  
Por vezes caí, mas nunca desisti.

Sou voz das que se foram,  
das que vieram  
e das que virão.  
E, se o mundo duvidar,  
com outras mais teremos o poder.  
Olharemos no espelho  
e, assim, voltaremos a nascer.

*Digelaine souza / thug dee*

## Todas somos as próximas

*Não quero lhe falar meu grande amor,  
das coisas que aprendi nos discos,  
Quero lhe contar o que eu não vivi,  
Mas... dói como se tivesse sido comigo.*

Não quero lhe falar de amores que foram perdidos,  
e muito menos de romances enrustidos.  
Quero falar de gritos que foram interrompidos,  
de corpos que tombaram e logo foram esquecidos.

Não vivi, mas sinto como um eco expandido,  
cada nome apagado, cada rosto omitido.  
Um país que assiste tudo anestesiado  
e chama de destino o que foi construído e rebocado.  
Não foi loucura ou muito menos caso mal resolvido,  
foi controle e o ódio patriarcal exercido.

E, enquanto isso for tratado como ruído,  
futuros inteiros seguem sendo perdidos.  
Nas minhas poesias, não posso falar de amar e ser amado,  
pois cresci e vi o amor morrer, ser assassinado

ou pior: ser estuprado,  
igual tantas meninas que, se pudessem, teriam se levantado,  
porque, além de não terem voz, o poder tem as calado.

Por conta de uma pátria que pariu,  
porque não conseguiu ter abortado,  
de uma pátria que pariu e não tem amamentado,  
de uma pátria que pariu e nos tem assassinado.  
*Treinando pra quando ela disser não* — aberração,  
não é brincadeira, é o ensaio filmado de uma agressão,  
a sua cultura red pill travestida de diversão,  
normalizando o medo, silenciando a negação,  
mas quando o corpo fala não, é não — sem discussão,

Respeito não se treina, nem se aprende na formação,  
O machismo é plantado na criança  
desde a sua concepção.  
E se e os machos não querem ouvir,  
eu vou gritar pra impactar.  
Não é drama quando tem mulher deixando de respirar.  
E pro bagulho escorrer,  
vai ter que entender: vai morrer  
ou vai matar, vai matar

ou vai morrer.  
Não, hoje elas vão viver.  
Fazem trend  
com a dor que tantas já sentiram,  
mas não existe piada  
com tantas vidas que já sumiram.

Mas cada “não”  
que vocês querem calar na pancada,  
elas querem —  
mas não têm voz  
pra gritar que  
a violência  
não será mais tolerada.

A cada quinze segundos  
Uma mulher é agredida no Brasil.  
E a realidade  
não é nem um pouco cor-de-rosa.  
A cada ano, dois milhões de mulheres  
são espancadas por maridos ou namorados.  
Quando uma é assediada, todas somos.  
Quando uma é estuprada, todas somos.

Quando uma é violentada, todas somos.

Quando uma é morta, todas somos.

Sangre en la calle, rabia en la mirada,  
otra mujer muerta, otra historia callada.  
La prensa maquilla la herida marcada,  
pero la verdad grita fuerte: fue asesinada.  
No fue deslizar ni acción equivocada,  
fue la mano cobarde del macho que mata.  
Siglos de miedo, violencia heredada,  
pero la furia crece y ya no será callada.

Las hermanas se alzan, la rabia rimada,  
rompiendo el silencio que antes nos ataba.  
Que tiemble el imperio de ley fabricada,  
porque arde la historia que estaba enterrada —  
caerá el patriarcado, quemado y derrotado,  
enterrado en el pasado,  
transforma tu dolor en rebelión.  
y que se vulva el matriarcado.

*Aiala Marina*

## Feridas invisíveis

Há Lágrimas que escorrem  
E outras que no peito se prendem  
Há gritos de dor, de desespero  
Há gritos de uma voz que não se ouve  
Que na garganta se prende como espinhos

Ela aprendeu a disfarçar a dor  
Escondeu atrás de um sorriso amarelo  
O lado obscuro de uma tortura vivida  
O sangue que escorre de suas feridas  
Feridas invisíveis  
Feitas de palavras de desprezo  
Do lar que se torna prisão  
Feridas não só na pele  
Ferida na alma, no coração

O medo, o desespero tomam conta  
Mais ela guarda uma luz  
A luz da força feminina  
Onde da queda se levanta,  
da lágrima que vira força, vira grito

Grito de uma voz que nunca será calada  
O silêncio vira grito  
O medo, coragem  
A dor ,se transforma em luta  
Luta conjunta, porque onde uma mulher se levanta...  
Mil outras se levantarão.

*Rosislaine da Silva Almeida*

## Não foi caso isolado

Eu não vou falar baixo, pra não te constranger  
Constrangida tô eu, de enterrar as minhas  
enquanto vocês falam

Isso é loucura, você está exagerando...

Não!

Não é loucura, nem tão pouco exagero

Não é exceção, não é a roupa errada,

Não foi A-CI-DEN-TE!

Tem nome, tem padrão, tem endereço e um CPF.

É o amigo que passa do limite e ri depois.

É o cara "de família", que ninguém suspeita

É o silêncio comprado, no jantar de domingo

Deu errado quando ensinaram

que mulher é posse

que insistência é conquista

que violência é só quando sangra

A rua não é perigosa

perigoso é quem acha

que nosso corpo é território livre

Mas a gente sangra todo dia  
no medo calculando a rota para casa  
na chave entre os dedos  
no passo acelerado

E cansa! Como cansa!  
Cansa sobreviver, como se fosse privilégio  
Eu não quero coragem, pra voltar pra casa viva  
Quero não precisar ter coragem nenhuma  
Queremos viver!

E não me pede calma  
Não me pede didática  
Não me pede paciência.  
E se meu tom te incomoda  
ótimo!

É pra incomodar mesmo.  
Porque enquanto você desvia o olhar  
tem mais uma de nós, virando estatística  
Mas me escute bem  
A gente não vai mais caber  
no silêncio

A gente transborda  
Na rua, na rima, no corpo...  
Estamos aqui  
pra quebrar tudo isso

Não viemos só para sobreviver  
viemos para reinar sobre o que nos pertence  
nossa história, nosso corpo, nosso nome!  
Pelos corpos que tombaram,  
as nossas vozes se levantaram  
Estamos presentes!

*Fany Santos*

## **Eu, Mulher Negra**

Eu, Mulher Negra  
Não sou rosa!  
Sou feijão, chocolate,  
Dedo de prosa,  
Chá-mate, jabuticaba,  
Amendoim...

Nem pelas cores  
E odores, que tenho  
Voltarei a ser cana  
Em teu engenho  
Triturada e moída  
Até o fim.

Sou mais do que ofereço  
E não bagaço  
Para você se lambuzar  
No meu melaço  
Mesmo dizendo  
Que meu cabelo  
É ruim.

Eu, mulher negra  
Sou assim:  
Guerreira, companheira,  
Sou Nzinga,  
Cheiro de mar, jeito de olhar  
Copo de pinga  
A mais linda flor  
Do seu jardim!

*Doris Barros (K-minhart)*

## **Em carne viva crua: corpo mulher**

Como é que não estranha,  
A cada minuto em que ligo a tela  
Mais uma notícia, mais um feminicida  
Que mente descaradamente no jornal  
Mais uma mulher estuprada, violentada, abusada

E quando não se referem apenas dizendo,  
“relação sexual”,  
Os “suspeitos” ainda são os mesmos, parceiros.  
Os lugares, abrigos.

As mulheres ainda são as principais responsáveis  
pelas tarefas domésticas,  
Pais ainda exercem o controle sob suas filhas e famílias,  
e tem padre que reafirma.

Meninos ainda disputam força na escola  
e meninas continuam inseguras sobre sua aparência,

O frei ainda prega a submissão da mulher  
e diz que o problema é a ganância feminina,  
E a chamada “guerra dos sexos”.

Quanta insensatez, se o que há é extermínio!  
Quando só um lado morre, e só um é assassinado.

É justamente a dependência financeira  
que a manteve presa,  
muitas vezes até a morte sem chance de saída.  
Ratos sob a mesa infestam a casa.  
Ainda são os corpos de mulheres violentados e controlados,  
assim como os pensamentos,  
as falas, o tom, a risada, as pernas...

E eu me pergunto:  
COMO ME MANTER VIVA?  
Em uma sociedade que me prefere morta!  
Já que aos trinta, solteira, não reproduzi,  
não servi aos interesses patriarcais.  
eu ouço falar em voz alta!

Respiro aliviada, ainda vivo, sobre aviso.  
Isso não é papo de passado,  
É uma sina que piora a cada geração,  
O ódio vem endossado, camuflado, endereçado

Mas a gente não engole mais não.  
A mulher, um pouco avança, e mais corpos  
são amontoados no caixão!  
Isso não é acidental, desde a queima das bruxas,  
É projeto político religioso fatal!  
Em carne viva crua.

*Jaqueline Teodoro (jaqueemvozalta)*

## Salva pela discotecagem

O vinil girava como mulher em fuga,  
cada batida, uma lágrima escondida.

O sábado era noite de boate:  
sem dores e xingamentos.

Em casa, prisão e solidão.  
em paredes, sangravam insultos.  
Amor jurado virava feridas,  
corpo carregado por empurrões.

Um alcoólatra adoecia gerações de mulheres,  
um rio turvo que arrastava  
filha, esposa, tia, mãe e irmã.  
E eu que, naufragava, aprendia respirar.

A mente entrava em colapso,  
a saúde mental despedaçava,  
em silêncio, delírios e crises.  
A tristeza era cárcere doentio.

Ser DJ era erguer muralhas de som,

transformar dor em ritmo,  
esconder a solidão atrás das caixas,  
e dizer ao mundo: ainda estou viva!

O hip-hop me deu asas:  
poesia é arma,  
palco é trincheira,  
cada mulher, resistência.

Olhando para trás, o vinil foi escudo.  
Com voz poética no Hip-Hop,  
continuo a desafiar o sistema:  
o patriarcado e o machismo.

No Rap, no Breaking, no DJ,  
na Poesia, no Beat e no Grafite,  
em Rede de Mulheres de Cuidado,  
Somos muitas contra o feminicídio!

*Edd Wheeler/RJ*

## Missão

E passei da metade do século.  
Burlei as estatísticas criadas por “eles”.  
Matando um leão por dia sem ter privilégios  
porque meus ancestrais também não tiveram.

Atravessamento de correntes  
que na mente se fazem presentes  
e que mexe com o corpo da gente  
e que às vezes você nem sente.

Na imagem que tenho nos sonhos  
de criança vem família, parentes,  
amigos que com suas rezas  
e crenças me mantiveram de pé

Aos meus inimigos que passaram como lição  
eu deixo o meu Asxé, pois é,  
Até tentaram me envergar,  
Mas quem decide isso pra mim é Oxalá, tá?  
E o tempo sem medo confiante vai adiante  
e te mostra qual seu destino

E como mimo te direciona  
para algo que é divino e não é mito,  
Mas gera conhecimento, irmandade, fraternidade  
e vontade de brilhar!

Tua luz é própria! me disseram.  
Tentam apagar, mas não importa! me encorajaram  
Cuidado que adocece.  
Mentira é erva daninha e seja coerente

Olha o seu discurso, firme na atitude e siga em frente!  
Marcha, cabeça erguida, vontade de viver!  
E passei da metade do século....  
a maturidade que chega  
e que te conecta a uma reflexão:  
Por todos esses embates, oportunidades, portas fechadas,  
discriminação, não se aprende uma lição?

Afinal está nesse Universo, qual é a minha missão?  
Incrível ! E claro, o hip-hop me mostrou isso,  
nada foi em vão  
Nada veio na mão, mas é merecimento,  
os Orixás ensinam com o tempo

Estou pronta!  
Compreendendo com maturidade,  
agradecendo a sagacidade  
e no bolso o meu “A-Qué”  
Porque lugar de mulher realmente  
é onde ela quiser!!!

*Edd Wheeler/RJ*

## “Feliz dia Das Mulheres”

8 de março

É o dia em que todo mundo esquece as violências  
e volta um passo

Até parece que o mundo fica mais bonito  
dá até vontade de viver  
mas, em segundos os gatilhos  
de algo que eu nunca vou esquecer

Ser mulher num país onde é NORMAL  
a cultura do estupro,  
colocam sempre a culpa em MIM  
como se eu tivesse pedido pra vir ao mundo.

Viver o tempo inteiro com medo da imagem  
que posso passar no short curto a certeza  
que posso não chegar viva em nenhum lugar  
Mas eu só queria ser eu,  
sem ter que da satisfação em pleno século 21  
se eu fizer isso,  
serei mais uma no caixão

Assistir telejornais virou um martírio cotidiano  
FEMINICÍDIO,  
estupro coletivo, foram 2.600 mortas no ano.  
com o rosto sangrando correndo pelos becos  
em busca de socorro

Invisível e julgada pelos olhares,  
no chão, apenas mais um corpo  
Os filhos do feminicídio clamam por justiça social  
Crescem com objetivo de cobrança do mundo real

A infância interrompida por violência e misoginia  
é a realidade de muitas crianças na periferia  
Que passam o resto de suas vidas  
vagando pelas ruas da cidade o coração  
que era puro, agora respira vingança e maldade

Que Deus receba essa mulher  
que de sábia não teve nada  
Não edificou sua casa e acabou sendo castigada  
Disse o pastor, o LOBO disfarçado  
com pele de ovelha  
O homem "sem pecados "

que estupra meninas em nome da igreja  
Mas em briga de marido e mulher ninguém mete a colher  
O SEU SILÊNCIO te faz conivente  
e enterra mais uma mulher  
EU SÓ QUERO VIVER como qualquer pessoa  
no mundo ser vista como pessoa e não um produto

E nessa babilônia você me deseja um dia feliz  
me oferecendo flores ,  
Mas quem dera eu sentir o amor  
porque hoje falo com propriedade das dores

Me ensinaram que cada um dá aquilo que tem  
E se realmente eu der o que tenho,  
nesse mundo não sobra ninguém  
FIQUEM VIVAS!

Parafrazeando as letras da rapper Briza Flow.  
Confesso que até tento,  
mas diante deste cenário  
entendo que a vida não é um show

*Iza Negratcha ( Sergipe )*

## Nem Todo “Eu Te Amo” É Amor

Começou com amor e um coração bom.  
Eu me apaixonei,  
Ele cuidava do meu filho e dizia ser pai dele.

Primeiro me afastei das minhas amigas,  
pois para ele elas não eram boas companhias.  
O tempo passou e eu já não saía,  
não vivia, não me divertia, era uma prisão.  
Aí começaram as brigas, ele saía,  
não me levava e eu ainda precisava ficar em casa.

Eu já não aguentava mais, era grito,  
socos na parede, apertão no braço.  
Um dos episódios, com a bíblia na mão, uma agressão.  
Doeu muito o tapa que ele me deu.

Depois disso, um eu te amo e  
só fiz isso porque você me tira do sério.  
Só porque aquele dia falei que não iria para igreja.  
Hoje lá no fundo eu já sabia: opressão, manipulação,  
perseguição e muita traição.

Eu sofri demais, tive depressão,  
eu sabia que ele não mudaria.  
Foi aí que tomei a decisão que ali não era meu lugar,  
que eu precisava me libertar desse sentimento.

Mas que sentimento?  
De alguém que oprime, manipula,  
controla e que quase me matou.  
Eu deflinhei, morri por dentro me traumatizei.  
Foram meses até eu me recuperar.  
Crise de ansiedade, pânico, medo,  
eram isso que ele me causava.

Hoje eu estou livre dele,  
mas ainda temo por tantas mulheres  
que ainda passam por isso.  
Que elas tenham força e coragem  
para sair e criar seus filhos em paz e serem felizes.

*Rebeca Carmo*

## **Posfácio - Enquanto existir uma, existiremos todas**

Chegar ao fim deste livro não é sair ilesa, porque estas páginas não foram escritas para confortar. Foram escritas para romper o silêncio, onde cada poema, relato e denúncia presentes aqui carregam marcas que o Brasil costuma esconder debaixo dos tapetes institucionais, das manchetes passageiras e das justificativas sociais que tentam transformar violência em costume.

Este livro se recusa a normalizar isso! As vozes que atravessam esta obra têm território, corpo, memória e contexto. São vozes periféricas, negras, LGBTQIA+, mães, filhas, artistas, sobreviventes, educadoras e mulheres que transformam dor em enfrentamento. Há uma dimensão profundamente política nisso. Como nos ensina Conceição Evaristo, a escrevivência nasce quando a escrita carrega as experiências vividas de um povo historicamente silenciado, e este livro pulsa exatamente nesse lugar.

Aqui, a violência não aparece apenas como estatística. Ela surge no olho roxo escondido com maquiagem, na menina que aprende cedo demais a sentir medo, na mulher que não denuncia porque depende financeiramente do agressor, na

artista periférica que precisa provar o dobro para ser reconhecida e na travesti que luta diariamente pelo direito de envelhecer. Surge também na mãe que tenta trabalhar enquanto tenta sobreviver às violências domésticas, e na adolescente que descobre cedo que seu corpo já não lhe pertence aos olhos do mundo.

As autoras desta obra não pedem licença para existir. Elas confrontam um sistema sustentado pelo machismo estrutural, pelo racismo, pela LGBTfobia, pela transfobia, pela desigualdade social e por uma sociedade que historicamente autorizou homens a controlarem corpos femininos. Como afirmou bell hooks, o patriarcado não é apenas um conjunto de comportamentos individuais, mas uma estrutura política que organiza relações de poder e naturaliza violências.

Talvez uma das maiores forças deste livro esteja justamente na recusa da simplificação, porque aqui não existe uma única experiência de ser mulher. Existem muitas. Mulheres negras, periféricas, lésbicas, trans, artistas, mães, adolescentes, sobreviventes, mulheres cansadas e mulheres que quase não sobreviveram. Mulheres que transformaram o próprio corpo em arquivo de memória, denúncia e resistência.

Existe algo profundamente potente quando a periferia escreve sobre si mesma sem precisar de tradução acadêmica para validar sua existência. Isso rompe uma lógica histórica que sempre tentou limitar a produção intelectual aos mesmos grupos sociais. Esta obra afirma que a periferia também produz pensamento, estética, ciência, arte e análise crítica sobre o mundo. Talvez seja isso que torne este livro tão necessário.

Ele não fala sobre mulheres como objeto de estudo. As mulheres aqui são sujeito, autoria e análise. Não existe distância entre quem escreve e aquilo que é vivido. Existe atravessamento.

Ao longo destas páginas, percebemos que o feminicídio não começa na morte. Ele começa nas pequenas permissões sociais, na piada misógina, no controle disfarçado de cuidado, no silenciamento, na culpabilização da vítima, na romantização do ciúme, na desigualdade econômica e no medo cotidiano que tantas mulheres aprendem a administrar como se fosse parte natural da vida.

Por isso, este livro também denuncia as omissões do Estado, porque não basta criar leis sem garantir proteção concreta. Não basta contabilizar corpos. Não basta transformar

tragédias em números frios e nem falar sobre violência apenas depois da morte. Como já alertava Lélia Gonzalez, raça, gênero e classe operam juntos na produção das desigualdades sociais na América Latina, e no Brasil isso significa compreender que mulheres negras, periféricas e trans seguem entre as principais vítimas da violência letal e institucional. Ainda assim, esta obra não é construída apenas pela dor.

Há amor, memória, afeto, arte e desejo de futuro. Porque escrever também é uma forma de continuar viva. Cada texto presente neste livro desafia o apagamento histórico que tentou transformar mulheres periféricas apenas em estatística. Estas páginas devolvem nome, voz, subjetividade e permanência. Talvez o maior gesto político desta obra esteja exatamente nisso: insistir na vida.

Num país onde tantas mulheres ainda precisam lutar para simplesmente voltar para casa vivas, escrever torna-se um ato radical. Que este livro circule nas escolas, universidades, slams, movimentos sociais, bibliotecas comunitárias e dentro das casas. Que provoque incômodo, gere debate e rompa silêncios antigos.

Porque enquanto houver mulheres escrevendo suas próprias histórias, haverá enfrentamento. E enquanto houver enfrentamento, ainda haverá possibilidade de futuro.

*Ravena Carmo e Eulla Yaú*

## AUTORAS

### **Aiala Marina**

É natural de Jequié-BA e apaixonada por arte em todas as suas formas. Teve seu primeiro contato com o teatro aos sete anos, ao assistir à peça musical O Mágico de Oz, experiência que despertou seu interesse pelo meio artístico. Atualmente, é estudante de teatro e de produção cultural, além de atuar como poeta e escritora.

### **Allana Paula Braga**

Nasceu na zona rural do sul de Minas Gerais. Sempre se sentiu deslocada por se identificar com a cultura hip-hop em um contexto conservador. Formou-se em Geografia com o objetivo de compreender e intervir nos conflitos entre sociedade e natureza. Ao se mudar para a cidade, aproximou-se dos movimentos de hip-hop, especialmente das batalhas de rima, encontrando nesse espaço um sentimento de pertencimento e coletividade.

### **Amanda W. T.**

É natural de Maringá/PR e reside em Curitiba, onde atua desde 2015 na cena cultural independente como escritora, slammer,

artista visual e produtora. Desde 2022, também atua como DJ sob o nome Kozmica. Sua produção artística busca valorizar mulheres, pessoas pretas e grupos marginalizados, abordando desigualdades sociais e experiências marcadas pela violência de gênero e pelo machismo.

### **Ana Flávia Paes de Souza**

É natural de Campo Grande (MS) e atua como artista e ativista desde a infância. Formada em Educação Física, enxerga o corpo como forma de expressão política e cultural. Desenvolveu pesquisas sobre o breaking no Brasil e atua como educadora e representante da cultura cigana, tendo sua trajetória marcada pelo compromisso com a diversidade cultural e a valorização de vozes silenciadas.

### **Anne Karoline Souza Santos (Mylena Drague)**

Conhecida artisticamente como Mylena Drague, é atriz, cantora, rapper e compositora nascida em São Paulo. Inspirada pelo avô, iniciou sua trajetória na música e se formou em teatro musical. Desde 2023, vem lançando músicas autorais com influências afro-diaspóricas. Destaca-se na cena do rap nacional e prepara o lançamento de seu primeiro álbum.

## **ASuyaneT**

Nasceu em Taguatinga e cresceu entre Samambaia e Planaltina (DF). Começou a escrever poesias ainda no ensino fundamental e participou de projetos escolares e literários. Utiliza a escrita como forma de expressão e bem-estar, compartilhando seus textos nas redes sociais.

## **Bianca Amorim**

É artista paulistana que iniciou sua trajetória na poesia entre 2006 e 2007. Atuou no movimento estudantil e, posteriormente, no hip-hop como MC B3R. Participa de articulações políticas e culturais voltadas à juventude e às mulheres no hip-hop, integrando atualmente a Frente Nacional de Mulheres no Hip- Hop.

## **Chaiane Ezequiel da Silva Mendes (Chai Odisseiana)**

Nascida em Caieiras (SP) e moradora de Franco da Rocha desde 1987, Chai Odisseiana é MC, cantora, compositora, arte-educadora e artista da palavra. Filha de mulher preta artesã e de mestre de capoeira, traz desde a infância o corpo, o ritmo e a ancestralidade como fundamentos de sua expressão artística. Sua relação com o Hip Hop começa aos 12 anos e se consolida como linguagem central de sua trajetória.

Em 2008, fundou o grupo Odisseia das Flores, referência feminina no rap nacional. Paralelamente, desenvolve carreira solo, construindo parcerias com importantes nomes do Rap brasileiro. Atua também na produção cultural, integrando coletivos e projetos artísticos voltados à cultura periférica, formação de público e fortalecimento de redes culturais.

Como arte-educadora, atuou por nove anos na Fundação Casa, desenvolvendo a oficina Arte das Palavras, e ministra oficinas de rima e literatura periférica em escolas, bibliotecas e centros culturais, utilizando a palavra como ferramenta de expressão, escuta e transformação social.

### **Dark MC (Dark Ferreira)**

É estudante de Letras no IFCE (campus Crato). Atua como poeta, MC, escritora e produtora cultural, com foco na valorização da literatura periférica. É autora do livro Erva Daninha (em publicação).

### **Digelaine de Souza (Thug Dee)**

É rapper do Distrito Federal e integrante do grupo Donas da Rima. Atua desde 1999 no hip-hop feminino, articulando cultura, educação e ativismo. Formada em Pedagogia e Artes Visuais, utiliza a arte como ferramenta de transformação social.

### **Doris Regina Barros da Silva (Doris Barros K-minhart)**

É mulher negra, mãe, pedagoga e mestra em Educação. Atua como diretora de ensino do IFRJ, além de ser poeta, grafiteira e ativista da luta antirracista.

### **Edivânia Silva de Jesus (DJ Rachel)**

É multiartista nascida em Brasília. Atua como DJ, poeta e produtora cultural, com forte presença na cena periférica. Sua trajetória é marcada pela música eletrônica, hip-hop e militância em saúde mental.

### **Edd Wheeler**

Integrante do 1º grupo de hip-hop feminino no Rio de Janeiro, “As Damas do Rap”, advogada voluntária na Frente Nacional de Mulheres no Hip-Hop, rapper e ativista e membro da zulu national Brasil.

### **Flávia Souza**

É multiartista carioca, atuando como atriz, cantora, coreógrafa e escritora. Possui formação em dança pela UFRJ e trajetória marcada pela atuação no teatro, cinema e hip-hop. Sua produção artística articula arte e ativismo.

### **Giovana Karla (Cruella)**

É artista da zona oeste do Rio de Janeiro. Atua com fotografia, graffiti, design e educação artística. Sua produção está voltada à denúncia de injustiças sociais e ao fortalecimento de mulheres e comunidades periféricas.

### **Giulia Carvalho**

Tem 21 anos e é natural da zona norte de São Paulo. Estudante de Direito, também produz conteúdo digital. Mantém a escrita como prática pessoal desde a pandemia.

### **Helenilsa Maria Carolina Alves (Lelê Alves)**

É mineira e cresceu na região metropolitana de Belo Horizonte. Iniciou sua relação com a escrita por meio de fanfics e, posteriormente, passou a construir narrativas com protagonismo negro, influenciada pelo rap.

### **Isabel Cristina Ponciano Honorato (Cris Roots)**

É artista independente e ativista cultural. Sua produção poética aborda temas como racismo, direitos humanos e espiritualidade, sendo também apresentadora de podcast.

## **Isa Negratcha**

É ativista, articuladora política e presidenta da Frente Nacional de Mulheres do Hip-Hop, com atuação destacada na organização das mulheres dentro do movimento em âmbito nacional. Sua trajetória é marcada pela luta contra o racismo, o machismo e as desigualdades estruturais, fortalecendo o protagonismo feminino nas periferias.

No Hip-Hop, atua como liderança na construção de redes, mobilização social e incidência política, contribuindo para o reconhecimento da cultura como ferramenta de transformação social, formação crítica e defesa de direitos. Sua atuação dialoga diretamente com juventudes periféricas e com a construção de políticas públicas voltadas à cultura, gênero e equidade.

## **Jaqueline Mancebo Correa (Jaquelivre)**

É poeta e MC formada na literatura marginal. Atua em slams e batalhas de rima, sendo idealizadora do Slam das Gurias CWB. Jaqueline Teodoro Comin (Jaqueemvozt). Ela é professora de sociologia e arte, com trajetória na educação pública. Atua na criação de slams e na militância contra violências sociais.

### **Janyelle da Costa Neri Correia (Jany Li)**

É cantora, compositora e enfermeira alagoana. Sua escrita surge da vivência periférica e das influências do movimento underground.

### **Karine Justino Pimenta (Desmedida)**

É uma artista que atua com graffiti e poesia. Sua produção é marcada por reflexões sobre misoginia e vivências periféricas.

### **Karitha Aniéli Dias Evangelista**

É poeta e estudante de Letras na UEG. Escreve desde a adolescência e utiliza a poesia como ferramenta de enfrentamento pessoal.

### **Larissa Pereira Sales (Lasap)**

É multiartista e psicóloga, atuando na defesa dos direitos das mulheres. Sua produção artística dialoga com o hip-hop e a saúde mental.

### **Laiz Cecília Paula de Queiroz**

É jornalista e produtora cultural do DF. Atua na cena do hip-hop e tem forte relação com a leitura desde a infância.

### **Laryssa Esperandio Damasceno (Lapoetisa)**

É poeta periférica e mãe solo. Sua escrita aborda autoconhecimento, espiritualidade e a luta das mulheres.

### **Linda Inês Neiva Viana (Linda Viana)**

É artista visual e poeta, com atuação em Ouro Preto. Desenvolve trabalhos ligados à ancestralidade e à arte-educação.

### **Lívia Magalhães de Jesus (Aivil Crist)**

É poetisa e agente cultural periférica. Atua como MC e produtora, criando espaços de expressão na quebrada.

### **Lurdes Maria de Oliveira (Luma Reis)**

Cresceu em contexto periférico e religioso, tendo sua escrita influenciada por vivências familiares e sociais. Sua produção busca crítica e transformação.

### **Luna Julieana Van Der Laan (Galegs)**

Não enviou biografia.

### **Marcineli Barduina do Amaral (Diva Ganjah)**

É artista e agitadora cultural do Paraná. Atua no teatro, rap e slam, sendo referência no movimento hip-hop.

### **Maria Juliana Rocha Reis (MC Maju)**

É artista do DF que iniciou sua trajetória em batalhas de rima. Sua produção é influenciada por referências femininas do rap.

### **Maria Luiza Souza Santos**

É produtora cultural e estudante de Ciências Sociais na UFSC. Atua com hip-hop como ferramenta pedagógica.

### **Marissa Aparecida Rodrigues Cavalca (Baloo)**

É poeta e MC com trajetória no graffiti e hip-hop. Sua produção busca fortalecer a representatividade feminina.

### **Mayara Mirelly Buarque da Silva (May Buarque)**

Não enviou biografia.

### **Miriam Lourenço de Sequeira (Alaska Lourenço)**

É poeta carioca que atualmente vive em Brasília. Participa de saraus e eventos culturais.

### **Monique Lopes de Sousa (Monique Camaleoa)**

É poetisa de Planaltina-DF. Sua escrita reflete vivências periféricas e a busca por transformação social.

### **Mályka Macário Moreira**

É jovem multiartista com trajetória no rap, música clássica e poesia. Atua também na capoeira e produção cultural.

### **Naiara Caroline Diniz Costa**

É artista que atua no graffiti e na cultura hip-hop. Sua produção é influenciada pelas vivências urbanas.

### **Patricia Oliveira (Xavas)**

Não enviou biografia.

### **Patrícia de Souza Silva Marques (Patrícia Sintonia)**

É poeta do DF que encontra na escrita uma forma de expressar o cotidiano.

### **Raquel Conceição de Souza (Quel)**

É gestora de projetos e pesquisadora do hip-hop como movimento político. Atua na poesia de rua.

### **Rayra Caroline (Poeta Vênus)**

É escritora e produtora cultural que trabalha com temas identitários e periféricos.

### **Rebeca do Carmo**

Nascida e criada em Planaltina-DF, atua na cena cultural e social da região e se destaca como uma empreendedora social multifacetada. É produtora cultural e integra o Hip-Hop no elemento conhecimento, desenvolvendo projetos voltados ao fortalecimento da cultura Hip-Hop, além de cursos de formação e capacitação profissional.

Atualmente, é presidente do Instituto Periferia Livre, onde promove a cultura Hip-Hop e a diversidade, com foco no atendimento a mulheres em situação de vulnerabilidade social e de gênero, pessoas com deficiência, jovens da periferia e do sistema socioeducativo.

### **Rosislaine da Silva Almeida**

É técnica em enfermagem e cresceu em Planaltina-DF. Sua escrita carrega memórias da infância.

### **Ruth Gomes de Oliveira**

É pedagoga e mestra em Educação. Atua como professora e pesquisadora, utilizando o hip-hop como ferramenta pedagógica.

### **Stefani Santos (Fany Santos)**

É produtora cultural e multiartista mineira, com atuação em eventos e cultura.

## ORGANIZADORAS

### **Ravena Carmo**

Educadora popular, poetisa, produtora cultural, escritora, pesquisadora e ativista. Com oito livros publicados, Ravena possui licenciatura em Ciências Naturais pela Universidade de Brasília (UnB), formação em Pedagogia pela UDF, mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação (POGE) pela Faculdade de Educação da UnB. Fundadora do Instituto Periferia Livre, do projeto Poesia nas Quebradas, do NEOLIM (Núcleo de Estudos e Organização do Conhecimento em Literatura Marginal (FUP - UnB) e da Casa da Mulher no Hip-Hop DF.

É dirigente da Frente Nacional de Mulheres no Hip-Hop e já foi reconhecida com prêmios como o de Marielle Franco de Direitos Humanos, Aldir Blanc, FAC Brasília 60 Literatura, FAC Cultura Mulher e FAC Hip-Hop. Atualmente, Ravena é coordenadora na Coordenação Geral de Medidas Socioeducativas e Programas Intersetoriais, Trabalho Infantil, Trabalho Escravo e Tráfico de Pessoas, do Ministério do Desenvolvimento, Assistência Social, Família e Combate à Fome.

## **Eulla Yaá dos Santos Alves**

Professora de contrato temporário da Secretária de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF/ 2026) . Mestranda em Educação em Ciências pela Universidade de Brasília, na linha de pesquisa Lutas e Desigualdades na Educação Científica. Graduada em Licenciatura em Ciências Naturais pela Universidade de Brasília Campus UnB Planaltina (2019), atua na interseção entre educação, direitos humanos e justiça social, com ênfase nas infâncias, adolescências e juventudes. Tem trajetória marcada por militância e práticas educativas voltadas à proteção de crianças e adolescentes, especialmente em contextos periféricos.

Participou do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID 2015 a 2017), do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC 2016 a 2017) e do PRODOCÊNCIA (2015 a 2017), no eixo Formação de professores: ação-reflexão-inovação. Foi voluntária em projetos de extensão na UnB entre 2014 e 2020, com foco em mediações entre educação e psicologia no contexto da inclusão. Atuou como arte-educadora no Sistema Socioeducativo pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC 2019). Coordenou o Projeto Romper Amarras (2022-2023), voltado à

proteção de adolescentes LGBTQIA+ de periferia. Desde 2024, é educadora popular no Projeto Onda, onde desenvolve campanhas educomunicativas, pesquisas e formações em direitos humanos com adolescentes de escolas públicas. Atualmente, integra a coordenação colegiada do Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente do Distrito Federal (CEDECA-DF), o Núcleo de Organização e Difusão do Conhecimento em Literatura Marginal (NEOLIM/UnB) e compõe o Instituto Periferia Livre.

